



PUC RIO

MARIA CONSUELO PASSOS

"A SEXUALIDADE FEMININA NA TEORIA DE FREUD:
UMA DISCUSSÃO DOS DETERMINISMOS BIOLÓGICO E CULTURAL"

TESE DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1980.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

MARIA CONSUÉLO PASSOS

"A SEXUALIDADE FEMININA NA TEORIA DE FREUD:
UMA-DISSCUSSÃO DOS DETERMINISMOS BIOLÓGICO E CULTURAL"

UC 19579-7

Tese apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para-obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

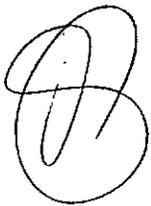
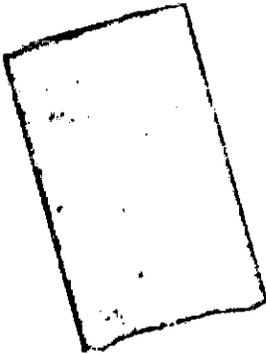
Orientadora: Therezinha Feres Carneiro

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1980



150
P2895
TESE UC



Agradeço ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e à CAPES que possibilitaram a execução deste trabalho.

A Therezinha Feres Carneiro, pela acentuada disponibilidade e grande participação no desenvolvimento deste trabalho, meu muito obrigada.

A Anamaria Ribeiro Coutinho, pela valiosa contribuição em todos os momentos de elaboração deste trabalho, meus agradecimentos.

"A mulher foi sempre falada. Mulher falada em muitos sentidos - falada pelos homens e pelo saber por eles criado em torno da mulher. O homem muitas vezes com a cumplicidade da mulher transformou esta última em nada. Um nada não fala. É portanto o homem que fala da mulher e pela mulher. Como o homem não pode falar de um nada, falando da mulher fala sempre dele próprio."

(Sonia Novaes de Rezende)

RESUMO

Neste trabalho procuramos estudar o papel dos de terminismos biológico e cultural na elaboração dos conceitos freudianos sobre sexualidade feminina. Fizemos uma revisão das concepções de Freud que configuram a identidade sexual, realçando os elementos constitutivos da sexualidade feminina.

Estudamos as contribuições da Antropologia, restringindo nosso interesse aos aspectos concernentes à diferenciação entre os sexos. Através dos trabalhos de Mead, Malinowski e Balandier abordamos os padrões de comportamento sexuais em algumas sociedades primitivas, procurando discutir o problema da relatividade cultural e a importância desta na configuração da identidade do homem e da mulher.

Ressaltamos a importância das influências sociais para a constituição da sexualidade humana, procurando mostrar que os padrões utilizados pela sociedade ocidental colocam a mulher numa posição de inferioridade frente ao homem. Utilizando as concepções da Escola Culturalista de Psicanálise, verificamos a maneira como os padrões sociais interferem na estruturação da personalidade.

Enfocamos o discurso feminista de Beauvoir e Friedan que, seguindo as proposições da Antropologia e da Escola Culturalista de Psicanálise, criticam os conceitos freudianos denunciando a visão patriarcal com que Freud abordou a sexualidade feminina.

Discutimos ainda a perspectiva teórica da Escola de

Lacan que, a partir de uma visão estruturalista reduz as críticas feitas ao determinismo biológico e cultural dos conceitos freudianos. Segundo essa Escola, só se pode compreender a sexualidade humana através da lógica do inconsciente e o único determinismo existente nas concepções de Freud, é o determinismo do inconsciente.

Avaliamos finalmente os pressupostos freudianos e as críticas delineadas pelos autores estudados neste trabalho e procuramos demonstrar a ordem patriarcal sobre a qual Freud construiu sua concepção sobre a sexualidade feminina. Nesta ordem, a mulher ocupa um lugar secundário e encontra-se submetida à lei do pai. A identidade feminina se estrutura a partir da falta do pênis, causa primeira da castração feminina e conseqüentemente ato impulsionador do desenvolvimento sexual da mulher.

RESUMÉ

Dans ce travail nous avons cherché à étudier le rôle des déterminismes biologiques et culturels dans l'élaboration des concepts freudiens sur la sexualité féminine.

Nous avons étudié les contributions de l'Anthropologie, en limitant notre intérêt aux aspects qui concernent la différenciation entre les sexes. À travers les travaux de Mead, Malinowski et Balandier nous avons abordé les patrons de comportements sexuels dans certaines sociétés primitives, ^{de} discutant le problème de la relativité culturelle et son importance ^{dans} pour la configuration de l'identité de l'homme et de la femme.

Nous avons souligné l'importance des influences sociales pour la constitution de la sexualité humaine en montrant que les patrons ^{de} utilisés par la société occidentale situent la femme dans une position d'infériorité devant l'homme. Utilisant les vues de l'École Culturaliste de Psychanalyse, nous avons vérifié comment les patrons sociaux interfèrent dans la structuration de la personnalité.

Nous avons examiné le discours féministe de Beauvoir et Friedan qui, suivant les propositions de l'Anthropologie et de l'École Culturaliste de Psychanalyse, critiquent les concepts freudiens en dénonçant la vision patriarcale avec laquelle Freud a abordé la sexualité féminine.

Nous avons aussi discuté la perspective théorique de l'École de Lacan qui, à partir d'une vision structuraliste réduit les critiques dirigées au déterminisme biologique et culturel des concepts freudiens. D'après cette école, on ne peut comprendre la sexualité humaine qu'à travers la logique de l'inconscient, et le seul déterminisme qui existe dans les conceptions de Freud est

celui de l'inconscient.

Finalement nous avons apprécié les présuppositions freudiennes et les critiques apportées par les auteurs étudiés dans ce travail et nous avons cherché à démontrer l'ordre patriarcal sur lequel Freud a bâti sa conception de la sexualité féminine. Dans cet ordre, la femme occupe une place secondaire et se trouve soumise à la loi du père. L'identité féminine se structure à partir de l'absence du pénis, cause première de la castration féminine et en conséquence acte qui commande le développement sexuel de la femme.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: ESQUEMA FREUDIANO DE SEXUALIDADE FEMININA	8
1.1: Desenvolvimento psico-sexual da mulher	9
1.2: O lugar da mulher na cultura	18
CAPÍTULO 2: CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA	21
2.1: Margaret Mead	21
2.2: Bronislaw Malinowski	27
2.3: Georges Balandier	31
CAPÍTULO 3: A ESCOLA DE PSICANÁLISE CULTURALISTA	38
3.1: Karen Horney	38
3.2: Clara Thompson	43
3.3: Alfred Adler	46
CAPÍTULO 4: O DISCURSO FEMINISTA	50
4.1: Simone de Beauvoir	51
4.2: Betty Friedan	55
CAPÍTULO 5: EM DEFESA DE FREUD	59
5.1: Juliet Mitchell	60
5.2: Michèle Montrelay	62
5.3: Moustapha Safouan	66
CAPÍTULO 6: AVALIAÇÕES FINAIS	71
CAPÍTULO 7: BIBLIOGRAFIA	82

INTRODUÇÃO

A intenção que norteia este trabalho é discutir a constituição da identidade feminina na teoria de Freud, no que se refere ao determinismo biológico x determinismo cultural.

Sabemos da importância que a sexualidade tem para a Psicanálise, sabemos também que, ao atribuir um grande peso aos fatores sexuais na estruturação da personalidade, a Psicanálise abriu um amplo espaço à Ciência, que assim penetrava num campo, até então considerado tabu pela sociedade. Mas sabemos também que, apesar de tudo isso, a sexualidade feminina foi o grande enigma que Freud até seus últimos escritos não conseguiu desvendar. E isto fica bem claro em seu texto "A Feminilidade" quando êle diz: "Isto é tudo que tinha a dizer sobre a feminilidade. É, desde já incompleto e fragmentário, e nem sempre agradável. Agora bem: não deveis esquecer que só temos descrito a mulher enquanto seu ser é determinado por sua função sexual. Esta influência chega, desde logo, muito cedo, mas é preciso ter em conta que a mulher integra também o geralmente humano" (1968, original 1932, p. 943). Obviamente sabemos que interpretar Freud em uma passagem é temeridade, no entanto, este período citado acima, denota a posição unilateral que Freud assumiu com relação à mulher. E mais ainda, a impossibilidade que êle sentiu em ultrapassar barreiras, cujos alicerces encontram-se na situação existencial da mulher, entendendo-se por existencial a relação do seu psiquismo com o contexto histórico, social e econômico. Quando êle diz que apesar de ter descrito a mulher apenas pelo prisma de sua função sexual, ela é humana, supõe-se seu reconhecimento de que há espa

ços vazios.

Freud, em seus últimos escritos parecia ter esgotado suas reflexões sobre a sexualidade feminina, como se nada mais tivesse a acrescentar, aliás, foi esse um dos temas que pouco acréscimo e reformulação sofreu ao longo de sua vida. Ele parecia denunciar a todo momento os seus limites dada a sua existência de homem. E com relação a este último aspecto, ele deixava explícita sua crença nos trabalhos das psicanalistas, pois estas, além do conhecimento da Psicanálise, possuíam suas experiências de vida como suporte para novas descobertas.

É sobre os espaços vazios e as lacunas deixadas por Freud no seu esquema de sexualidade feminina, que se erguem as principais críticas dos estudiosos da natureza humana. É porém, no seu discurso que enfoca o determinismo biológico da sexualidade feminina que se centralizam as principais críticas. Como afirma Saffioti, "a tentativa de Freud de buscar nos fatos anatômicos a explicação dos traços psicológicos da mulher acabou por conduzir à mesma conclusão, errônea e desfavorável à mulher, a que os mitos construídos a partir da Biologia haviam levado: o destino da mulher está impresso em sua anatomia" (1976, p. 291). Condicionando a sexualidade feminina a uma falta, a ausência do pênis, Freud elabora um modelo de mulher, cujas particularidades psíquicas giram todas em torno dessa falta. Nessa medida, a constituição anatômica torna-se determinante essencial na caracterização da identidade feminina, a qual expressa-se nos comportamentos manifestos da mulher. Toda sua existência está moldada por esta falta, que a torna um ser incompleto até a morte, um ser que busca em suas reali-

zações uma compensação para seu defeito anatômico básico. Assim, em sua origem, o modelo de identidade feminina elaborado por Freud, em particular a elaboração do complexo de castração e da inveja do membro viril, surgiu sem que houvesse uma referência mais explícita e segura ao âmbito sócio-cultural.

Certamente ninguém pode questionar que os sexos diferem em suas constituições biológicas. Diferem em suas capacidades reprodutoras, em suas constituições hormonais etc., porém estas distinções pouco acrescentam ao conhecimento da natureza humana, se não estão diretamente vinculadas às normas e expectativas da cultura e da sociedade humana. Os sentimentos, as atitudes e as atividades humanas não são exclusivamente organizados pela Biologia, mas sim pelo caráter interacional das tendências biológicas com as inúmeras expectativas culturais específicas, símbolos e representações que coordenam as ações humanas, permitindo assim suas sobrevivências. A implicação de tais argumentos recai inegavelmente sobre a constituição da identidade sexual, pois, ser homem ou ser mulher dependerá das interpretações biológicas associadas a cada modo cultural de vida. É no âmbito desse contexto interacional que se situam as investigações contemporâneas sobre a identidade feminina. Investigações estas que se iniciaram com os psicanalistas culturalistas e prosseguiram através dos movimentos feministas, que acusam a Psicanálise de negligenciar os parâmetros sócio-culturais que movem o comportamento feminino, e desta forma promovem uma ideologia anti-feminista. Estas investigações prosseguem até hoje e expressam-se de forma atualizada nos trabalhos dos psicanalistas lacanianos que propõem uma releitura da

obra de Freud.

Nossa proposta é pois, trazer contribuições de várias facções de pensamentos que, utilizando conceitos da Psicanálise, tentaram desvendar a natureza da identidade feminina. Evidentemente, dada a amplitude do tema, não esgotaremos tudo que se tem dito sobre a mulher, para a mulher e pela mulher. Mas temos a certeza de estarmos contribuindo para mais um acréscimo a esta questão tão intrigante, que tanta polêmica tem suscitado até hoje.

Dividimos este trabalho em sete capítulos. O primeiro dedicaremos ao esquema freudiano de sexualidade feminina, realçando seus conceitos primordiais. Abordaremos a ausência do pênis na menina, causa primeira do complexo de castração e da inveja do membro viril e suas conseqüências para o desenvolvimento da sexualidade. Mostraremos como todo dinamismo psíquico da mulher é estruturado a partir dessa falta. Procuraremos apontar as características que permeiam a identidade da mulher, características estas suscitadas em grande parte pela impossibilidade que tem a menina de resolver o complexo edípico e conseqüentemente estruturar seu superego. Desenvolveremos ainda as premissas de Freud acerca da bissexualidade humana, e as implicações desta para a organização das distinções entre os sexos.

No segundo capítulo, nos deteremos nas contribuições dos antropólogos que, à luz dos estudos de sociedades primitivas questionam os conceitos psicanalíticos, mostrando a relativização dos papéis sexuais em diferentes formas de cultura. Abriremos espaço para o debate de Mead, Malinowski e Balandier,

autores cuja preocupação encontra-se voltada sobremaneira para a questão da diferenciação entre os sexos. Mostrando como os comportamentos são modelados a partir de uma trama cultural que é transmitida pela família, a Antropologia assume um papel primordial na discussão dos conceitos psicanalíticos.

Para o terceiro capítulo reservamos o debate da Escola de Psicanálise Culturalista, que traz como proposta a incorporação do referencial da sociedade às construções freudianas sobre a sexualidade. Escolhemos Horney, Thompson e Adler, como representantes desta Escola, e procuraremos apresentar o núcleo básico de suas críticas a Freud, no que se refere à identidade da mulher. Cada um destes autores, a sua maneira, questiona o modelo familiar das sociedades competitivas e a transmissão através deste, de padrões comportamentais que submetem a mulher a uma condição de ser inferior. Para estes autores, as características distintivas entre os sexos que Freud apresenta, supõem um critério de valor, sempre negativo para a mulher, sendo este critério oriundo da sociedade vienense que Freud tinha como modelo. Nesta perspectiva eles tentam apresentar o valor atribuído por Freud ao pênis, como um valor social.

No quarto capítulo cabe-nos examinar algumas premissas suscitadas pelo movimento feminista e para tal traremos as contribuições de Beauvoir e Friedan. Beauvoir, acreditando que Freud trata a questão da feminilidade com um insistente biologicismo, procura situar as descobertas da Psicanálise em seu contexto histórico e filosófico. Suas premissas a respeito da feminilidade situam-se numa visão filosófica existencialista e por meio desta ótica, a autora procura mostrar que a opressão

absoluta da mulher situa-se no contexto da exploração econômica e social que a eleva à categoria de "segundo sexo". No contexto das idéias de Friedan, realçaremos aquelas que negligenciam as premissas freudianas por considerá-las limitadas à situação repressiva vivida pelas mulheres na Viena vitoriana. Mostraremos como as questões levantadas por Friedan, sobretudo no que se refere à elaboração da "mística feminina", serviram para referenciar um novo tipo de mulher, aquele que emerge das transformações sociais ocorridas no interior da sociedade americana.

Partindo do referencial crítico utilizado até então, dedicaremos o quinto capítulo a uma revisão dos conceitos primordiais de Freud sobre a sexualidade feminina, trazendo contribuições de autores que seguem os pressupostos lacanianos, embasados pela Linguística e pela Antropologia. Traremos aqui as idéias de Mitchell, Montrelay e Safouan, os quais apresentam uma análise, não mais do determinismo biológico e cultural, mas do determinismo do inconsciente numa perspectiva estruturalista. Eles discutem a estruturação da identidade sexual a partir da lógica do inconsciente. Deste modo, mostraremos como o sentido do pênis assume, não mais uma perspectiva de realidade anatômica ou social, mas o significado dos ideais e valores que representa.

Na parte final deste trabalho retomaremos os elementos básicos que nortearam as críticas a Freud, discutindo e avaliando a pertinência destas críticas para o conhecimento da sexualidade feminina. Procuraremos enfim, no decorrer das avaliações finais, deixar implícita a marca de nossas reflexões sobre a identidade da mulher, reflexões estas que encon-

tram eco nas próprias preocupações de Freud no que se refere a esta questão. Mais especificamente, teremos sempre presente nesse debate, aquelas premissas que conduziram Freud a considerar a mulher como o "continente negro da psicanálise".

1 - ESQUEMA FREUDIANO DE SEXUALIDADE FEMININA

Freud enquanto teórico da personalidade possibilitou um grande avanço na maneira de encarar os fenômenos da vida humana. Focalizando e buscando explicação para os problemas vinculados à sexualidade, encontra nesta, a base sobre a qual vai constituir a Psicanálise, incentivando assim um campo científico praticamente inexplorado até então. As críticas suscitadas a partir de suas elaborações teóricas, tanto pelo meio acadêmico, como pelo meio social de uma maneira geral, atestam o caráter inovador e até revolucionário de suas premissas acerca dos fatores sexuais na estruturação da personalidade individual. No que tange à diferenciação entre os sexos, Freud buscou nos fatores anômicos explicações que viessem consolidar a identidade do homem e da mulher. Neste sentido suas premissas acerca da sexualidade feminina, assunto que mais diretamente nos interessa, são basicamente estruturadas em dados da Biologia. Com esta perspectiva, Freud chegou a afirmar que o destino da mulher está impresso em sua anatomia, e por conseguinte sua sexualidade é estruturada a partir da falta do pênis. Esse argumento motivou as críticas mais ferrenhas de estudiosos de diversas disciplinas preocupados com o problema da identidade feminina.

Não são poucas as evidências do determinismo biológico nas interpretações psicanalíticas da feminilidade, as quais ao serem analisadas denunciam a pouca relevância dada por Freud às influências sociais sobre a determinação do caráter feminino. Para efeito de nossa análise no entanto, torna-se importante apreender a origem do pensamento falicista freudiano,

pois é através desse pensamento que Freud vai traçar o destino cultural da humanidade. É através dele que ainda vai encontrar argumentos que justificam a "ausência" da mulher como ser social. Freud em alguns momentos expressa seus ressentimentos pela incapacidade de atingir a "essência da feminilidade", e chama atenção para a grande contribuição que as analistas poderão dar ao estudo da mulher. Estas, pela compreensão dos pressupostos psicanalíticos e suas próprias naturezas sexuais, penetrarão com maior profundidade no mundo feminino. Porém, advertência maior surge quando ao encerrar seu discurso sobre a feminilidade, diz: "se quereis saber mais sobre a feminilidade, podeis consultar a vossa própria experiência de vida, ou perguntar aos poetas, ou esperar que a Ciência possa procurar informes mais profundos e mais coerentes" (1968, original 1932, p. 143). Buscaremos pois, ao longo deste capítulo, apontar a marca dos determinismos que nortearam a teoria freudiana no que concerne a sexualidade feminina.

1.1 - DESENVOLVIMENTO PSICO-SEXUAL DA MULHER

~~Já em 1905, no texto "Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade",~~ texto este que sofreu reformulações até 1924, Freud assenta os alicerces básicos de sua concepção sobre a feminilidade, os quais desenvolve também em obras posteriores (1931-1932). Freud afirma a existência de um monismo sexual comum aos dois sexos até a época da puberdade. Assim, a primeira das teorias sexuais infantis funda-se na hipótese de um aparelho genital único. O monismo sexual assume um papel determinante para a feminilidade na medida em que o único órgão sexual que a criança reconhece em ambos os sexos é o masculi-

no: o pênis no menino, e o seu homólogo na menina, o clitôris. O órgão sexual exclusivamente feminino, a vagina, é inexistente até a época da puberdade, sendo o clitôris responsável pelas sensações sexuais da menina. Até este período portanto não há diferença real entre os dois sexos, a sexualidade feminina atravessa assim duas fases: uma masculina e outra feminina. A passagem para a feminilidade é feita com dificuldades, podendo até não ocorrer no curso da vida sexual feminina, fato este que enfocaremos posteriormente.

Abordando o monismo sexual, Freud esboça já sua preocupação e grande dificuldade em lidar com o fenômeno da bissexualidade humana, sobretudo com relação à mulher, pois nesta os fatores bissexuais são mais evidentes. Ele associa a bissexualidade ao binômio atividade-passividade para a caracterização dos sexos, assunto que já havia tratado em 1923, no texto "A organização genital infantil da libido", quando então associava a masculinidade a: "sujeito, atividade, pênis", e a feminilidade a "objeto e passividade". No contexto do artigo "A feminilidade" (1932), Freud tece considerações mais amenas, chamando atenção para os fins passivos da libido. Contudo, a libido é sempre masculina, pois é sempre ativa, mesmo que também demonstre tendências a fins passivos. Define libido como sendo "a força motriz da vida sexual" (1968, original 1932, p. 941) e atribui a esta vida sexual uma polarização do masculino e do feminino. Para ele, as associações masculino/ativo e feminino/passivo estão diretamente relacionadas com o dinamismo da célula sexual. A célula sexual masculina é ativamente móvel, e faz o movimento em busca da célula feminina, o óvulo, que é

imóvel. No comportamento sexual dos indivíduos expressa-se um paralelismo com a conduta dos organismos sexuais elementares, o homem busca a mulher para a cópula sexual, a ataca e a penetra. Mas, preocupado com o reducionismo desta afirmação, Freud adverte que em algumas espécies animais são as fêmeas que assumem a posição de atividade, são mais fortes e agressivas que os machos. Voltando-se para a vida sexual humana, observa que a mulher necessita deslocar para suas atividades uma boa dose de atividade, enquanto o homem, por sua vez, não conseguirá relacionar-se com seus semelhantes sem uma quantidade razoável de docilidade e passividade. Freud prefere caracterizar psicologicamente a feminilidade pela preferência de fins passivos, preferência que naturalmente não equivale à passividade posto que pode ser necessária uma grande atividade para conseguir um fim passivo. O que realmente ocorre é que a mulher, imbuida de seu papel na função sexual possui uma certa preferência pela atitude passiva e pelos fins passivos que se estendem até o fim de sua vida. Pelo exposto, torna-se evidente que masculinidade e feminilidade puras são construções inexistentes.

Procurando caracterizar a natureza da identidade sexual, Freud encontra fenômenos na vida infantil que vêm possibilitar a estruturação das diferenças entre os sexos. Por volta dos quatro anos de idade, tanto o menino quanto a menina tomam contato com a primeira diferença sexual. O menino percebe que a menina não possui o pênis, que não é como ele e portanto lhe falta algo. Interpreta assim a ausência do pênis como uma castração, e no temor de que algo lhe aconteça ou que

venha a perder tão valoroso órgão desenvolve um desprezo pela mulher. Este sentimento de desvalorização da mulher, porém, não surge de imediato, pois o menino acredita ainda por um longo tempo que sua mãe e as mulheres as quais devota respeito são portadoras do pênis. Sô posteriormente assimila a idéia de que nenhuma mulher possui pênis, o que poderá levá-lo a um desprezo, aversão pelas mulheres e até mesmo a homossexualidade. A menina por sua vez, ao perceber o pênis, órgão tão visível e exuberante, do irmão ou de algum companheiro, reconhece nele uma superioridade em relação ao seu próprio órgão, tão pequeno e insípido. Acredita que foi castrada e passa a desejar o pênis. Tal desejo assume grandes proporções no dinamismo psíquico da mulher e ao longo de toda sua vida será expresso de formas variadas. Com efeito, o complexo de castração assim estabelecido, assume no menino uma conotação positiva na medida em que o seu medo significa o temor de que o privem de algo que já possui. Na menina porém, este complexo funda-se na negatividade, ou seja, na ausência de um órgão desejado.

A ausência do pênis, causa primeira do complexo de castração e da inveja do membro viril assume na teoria freudiana a importância fundamental na caracterização da mulher. Neste sentido, o sexo feminino evidenciado por uma falta, torna-se o vetor e essência de uma inferioridade feminina, essência esta que caracteriza o desenvolvimento psíquico da mulher de uma forma global e que o impulsiona a uma busca compensatória através de uma adesão à causa masculina.

Desde já percebe-se o papel determinante que a constituição anatômica exerce sobre o comportamento manifesto e

não-manifesto do elemento feminino. Focalizada como uma amputação, um defeito básico, a ausência do pênis determinará para Freud as atitudes, os interesses e os desejos femininos. A falta do pênis e o complexo de castração daí decorrente faz surgir o complexo de Édipo na menina. Sentindo-se inferior, a menina atribui à mãe, seu primeiro objeto amoroso, a responsabilidade e a culpa de tê-la feito assim; passa a rechaçá-la e este fato repercutirá de forma decisiva na desvinculação da filha com a mãe. Ao desvincular-se da mãe, a menina elege o pai como seu objeto amoroso. O complexo de castração faz com que ela se volte para o pai e passe a desejar um filho deste, para compensar o pênis que lhe falta. O desejo de ter um filho do pai, como substituição do pênis torna-se a peça primordial do Édipo feminino. Só muito lentamente a menina consegue afastar-se do pai, dada a frustração de não poder ter um filho dele. Neste caso, o complexo de Édipo subsiste por muito tempo, pois não há na menina o medo da castração, esta é já um fato consumado.

No menino, o processo de desenvolvimento do complexo de Édipo se dá de forma invertida. Aqui, o complexo de castração assume uma relação de oposição com o complexo de Édipo, ou seja, o surgimento do primeiro faz desaparecer o segundo, o que possibilita ao menino uma mais pronta desvinculação da identificação amorosa com a mãe. O menino que tinha a mãe como objeto dos seus desejos, não apenas enquanto era uma criança de peito, mas também nas fases posteriores de seu desenvolvimento, é levado a abandonar seus desejos libidinosos para com ela, devido ao temor da castração. Nesse momento, ele ^{pl} identifica-se

com a figura de autoridade do pai, dado este que servirá particularmente para manter a interdição do incesto. O menino pode assim estruturar um superego bastante fortalecido, como veremos posteriormente.

Segundo Freud, "o complexo de Édipo na menina é uma formação secundária, pois as repercussões do complexo de castração o precedem e o preparam. No menino pelo contrário, a situação edipiana precede o complexo de castração, possuindo assim um caráter primário. Esta divergência pode ser explicada pelo fato de que o complexo de castração atua sempre no sentido ditado pelo seu próprio conteúdo: inibe e restringe a masculinidade, estimula a feminilidade. A divergência que nesta fase existe entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino é uma compreensível consequência da diferença anatômica entre os genitais e da situação psíquica nela implícita; equivale a diferença entre uma castração realizada e uma ameaça de castração." (1966, original 1925, p. 429). A diferença entre os efeitos do complexo de castração nos dois sexos é pois uma consequência das diferenças anatômicas entre os sexos.

Dada a importância do complexo de Édipo, a forma como este é superado possui uma repercussão fundamental na estruturação das identidades feminina/masculina. No caso do menino, como vimos, o complexo de Édipo chega a se desintegrar sob a influência da ameaça de castração. São abandonadas as catexias libidinais, dissexualizadas e sublimadas em parte, havendo ainda a incorporação dos seus objetos ao EU, constituindo-se assim o núcleo do superego. O superego torna-se o herdeiro do complexo de Édipo. Para Freud, "dado que o pênis deve sua ca-

2
0
textia narcisista extraordinariamente elevada à sua importância orgânica para a conservação da espécie, cabe interpretar a catástrofe do complexo de Édipo - o abandono do incesto, a instituição da consciência e da moral - como uma vitória da geração, da raça sobre o indivíduo" (1968, original 1925, p. 490). Nesta medida, Freud deixa assentado seu pensamento de que o complexo de Édipo consititui fenômeno universal da vida humana.

No que tange à finalização do Édipo feminino, observam-se características bem particulares. Aqui, falta à menina motivo para a desintegração do Édipo, a castração já provocou na menina a situação do complexo de Édipo. Assim, este complexo pode ser reprimido ou desaparecer lentamente, ou ainda persistir ao longo de toda a vida psíquica da mulher. Na concepção de Freud, o superego da mulher "nunca chega a ser tão inextorável, tão impessoal, tão independente de suas origens afetivas como exigimos que seja no homem. Certos rasgos caracterológicos que os críticos de todos os tempos têm achado na mulher, que tem menor sentido de justiça que o homem, que é mais levada a submeter-se às grandes necessidades da vida, que é mais propensa a deixar-se guiar em seus juízos pelos sentimentos de afeto e hostilidade, tudo isso poderia ser facilmente explicado pela distinta formação do superego que acabamos de inferir" (1968, original 1925, p. 491). A partir daí, Freud faz inferências às características psíquicas da mulher, e adverte as feministas ávidas por uma equiparação dos dois sexos, uma equiparação a nível de posição e valor, da inconsequência de suas posições.

Vejam^{os} mais de perto as particularidades que Freud encontrou para caracterizar a mulher. Para ele, os diversos traços de caráter da mulher, advêm, como já vimos, da sua "inferioridade nata", da "natureza defeituosa de seus órgãos genitais" e do sentido de castração daí decorrente (1968, original 1932). Assim, a castração inaugura o Édipo e este por sua vez prossegue indefinidamente dificultando a estruturação do seu superego. A má estruturação do superego trará graves consequências no desenvolvimento psíquico da mulher. Em seu texto "As diferenças anatômicas entre os sexos" (1968, original 1925), Freud refere-se a estas consequências, demonstrando como nas meninas as barreiras sexuais surgem mais cedo do que nos meninos, havendo uma menor resistência das meninas a estas barreiras. Seu superego não alcança uma consistência necessária ao enfrentamento harmonioso das circunstâncias culturais. Desta forma, nega seu sexo, exagera sua masculinidade, elabora um narcisismo e uma vaidade como forma compensatória de sua desvalorização nata. Em virtude disto, possui ainda uma menor capacidade de realização intelectual e um forte desejo de independência. É ainda a descoberta da castração que origina as três possibilidades na evolução psico-sexual da mulher: "uma conduz à inibição sexual ou à neurose; outra à transformação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, e a outra à feminilidade normal" (1968, original 1932, p. 938). Vejam^{os} o significado de cada um destes caminhos. No primeiro caso, a menina que antes da castração procurava prazer através da excitação do seu clitóris, único órgão até então reconhecido, associando seus desejos sexuais quase sempre ativos à mãe, ao

perceber que esta também está castrada, a hostiliza e renuncia às atividades masturbatórias, reprimindo grande parte dos seus impulsos sexuais. Poderá também a menina negar-se a admitir sua castração, desenvolvendo em decorrência um forte complexo de masculinidade. Passa a exagerar sua masculinidade, mantendo sua atividade clitoridiana e buscando por conseguinte um refúgio na identificação com a mãe fálica ou com o pai. Este complexo de masculinidade poderá originar a homossexualidade feminina. O terceiro caminho, como vimos, poderá levar ao que Freud chamou de "feminilidade normal". A menina, abandonando a masturbação clitoridiana perde grande parte de sua atividade e volta-se para o pai utilizando-se sobretudo de impulsos instintivos passivos. Assim, ao renunciar à atividade fálica ela atinge o caminho da feminilidade, que poderá ser normal se a repressão suscitada pelo seu desenvolvimento não provocou grandes danos. São as dificuldades que permeiam o caminho da sexualidade feminina sobretudo aquelas que caracterizam basicamente seu desenvolvimento, a saber, a mudança de zona erógena do clitóris para a vagina e a mudança do seu objeto original, a mãe, para uma identificação com o pai, que levaram Freud a constatar o difícil acesso ao que ele denominou "feminilidade normal". Desta constatação origina-se sua observação, talvez a mais fortemente negativa para a mulher. É quando, ao término de sua Conferência sobre a Feminilidade ele afirma: "um homem com aproximadamente trinta anos nos parece um indivíduo jovem, inacabado, que ainda aproveitará energicamente as possibilidades de desenvolvimento que a análise lhe oferece. Uma mulher

de igual idade, ao contrário, nos assusta frequentemente por sua inflexibilidade e imutabilidade psíquicas. Sua libido ocupa posições definitivas e parece incapaz de substituir-se por outras. Não encontraremos caminhos conducentes a um desenvolvimento ulterior, é como se o processo estivesse acabado e ficasse subtraído já a toda influência; como se a árdua evolução para a feminilidade houvesse esgotado as possibilidades da pessoa" (1968, original 1932, p. 943).

1.2 - O LUGAR DA MULHER NA CULTURA

Quando Freud analisa a Psicologia da mulher, deixa implícita e explicitamente a marca de um sistema patriarcal. É sobre esse sistema que ele raciocina e funda suas premissas acerca da feminilidade. Ele encontra na história do patriarcado justificativas para explicar a falta anatômica da mulher. Particularmente em "Totem e Tabu" (1968, original 1913), encontramos os alicerces sobre os quais ele reconstitui a história da humanidade.

A história da humanidade funda-se no assassinato do pai primitivo que, numa época pré-social imaginária, tinha todo-poder e todos os direitos sobre a mulher. A execução do pai pelos filhos que desejavam possuir os mesmos direitos que ele, suscita sentimentos ambivalentes. O totemismo e a exogamia são os signos duais da reação a essa morte. O totem é o substituto simbólico do pai, e nele reside a garantia de que ninguém poderá mais matar nem o pai, nem seus herdeiros. Por outro lado, a instituição da exogamia serve para impedir que os filhos herdem o direito que o pai tinha sobre todas as mulheres. Esses acontecimentos que envolvem a morte do pai, o

torna mais poderoso do que na vida, e é esta morte que institui a história humana, suas leis sociais e sua moralidade. A história humana é pois a história do patriarcado. E nesta perspectiva, marcados pelo símbolo do pai morto, meninos e meninas encontrarão seu espaço cultural na situação do complexo de Édipo. O menino, através do complexo de Édipo, adquirirá sua posição de herdeiro da lei do pai e a menina por sua vez deverá adaptar-se no contexto dessa lei. O complexo de Édipo constitui-se pois num mito do patriarcado, e é talvez por isso que Freud tenha evitado falar no complexo de Electra. Para ele não pode haver paralelismo na estruturação cultural do homem e da mulher. É no mundo do homem, sob a força da lei do pai que a mulher deverá fazer sua passagem para a cultura. Mas ambos os sexos, à medida que aprendem a falar e a viver na sociedade anseiam o lugar ocupado pelo pai, porém, só o menino um dia poderá ocupá-lo. Além disso, o menino e a menina nascem no desejo da mãe, e como através da herança cultural o que a mãe deseja é o bebê transformado em pênis, ambas as crianças desejam ser o pênis para a mãe. Mais uma vez, apenas o menino pode se reconhecer totalmente no desejo de sua mãe. Desta forma ambos os sexos repudiam as implicações da feminilidade. É assim, sob a marca do regime patriarcal que a identidade feminina é estruturada. Os caracteres do seu desenvolvimento psico-sexual organizam-se em função de um complexo de Édipo mal estruturado que a leva a submeter-se à lei do pai. É porque possui o pênis e a energia que deste é extraída, que o homem terá seu destino marcado pela atividade e superioridade sobre a mulher.

É ainda a presença do pênis que demarcará a submissão e submersão da mulher.

Em resumo, procuramos apontar os elementos básicos que configuram a identidade feminina na obra de Freud, realçando as premissas que por ele foram enfocadas primordialmente à luz de um determinismo biológico. Assim, a existência de um monismo sexual até a puberdade, a bissexualidade e seu realce na personalidade da mulher, a ausência do pênis e o desejo deste pela menina, são aspectos que vêm caracterizar as diferenças entre os sexos. A ausência do pênis, causa primeira do complexo de castração, impulsiona o desenvolvimento da sexualidade em três caminhos: a repressão e a neurose, a masculinidade exagerada e a "feminilidade normal". É ainda a castração, responsável pelo desligamento da menina com a mãe e a adesão ao pai, sujeito portador do órgão desejado. Esta adesão ao pai possibilita o desenvolvimento do complexo de Édipo, que na mulher desaparece lentamente, podendo perdurar por toda a vida, o que dificulta a estruturação do seu superego.

É sobre a base de um sistema patriarcal que Freud erigiu sua construção teórica da identidade dos sexos. É sobre essa base que o homem e a mulher encontrarão seu lugar na cultura. A mulher particularmente, submetida à lei do pai, seguirá seu destino num mundo onde o homem é o ser dominante.

2 - CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA

Vimos anteriormente o espaço que a psicanálise ocupa na Antropologia. Para Freud a história de um indivíduo começa com a história da humanidade desde suas origens. O ponto controverso nesta sua abordagem é no entanto, antes de mais nada a universalidade da explicação proposta. Valerá esta para qualquer cultura ou será que o sistema freudiano está ligado à cultura que o suscitou? Sobre essa questão a Antropologia produziu abundante material, acrescentando modificações, críticas e refutações. De uma maneira geral ela procura mostrar que cada cultura possui um estilo próprio de tessitura social, na qual o indivíduo movimenta-se, reavaliando, recompondo e às vezes rejeitando seus padrões históricos. Através do estudo de culturas diferenciadas, os antropólogos propõem uma relativização na conceituação freudiana dos comportamentos sexuais biologicamente determinados. Apontam papéis diferenciados entre os sexos em diferentes culturas, e afirmam serem estes papéis culturalmente determinados.

Aqui nos interessa o debate de alguns antropólogos, suas posições teóricas a respeito dos pontos que compõem a identidade feminina na construção freudiana. Escolhemos Mead, Malinowski e Balandier, por considerá-los representantes expressivos da Antropologia e serem estes autores estudiosos preocupados com a questão da identidade sexual. Todos eles trouxeram, direta ou indiretamente contribuições ao estudo da mulher.

2.1 - MARGARET MEAD

Com riqueza impressionante Mead expôs em suas obras, particularmente em "Sexo e Temperamento" (1969, original 1935)

e "Macho e Femea" (1971, original 1949) que mais diretamente nos interessa, a enorme flexibilidade da natureza humana. Mostrou que características psicológicas, que as sociedades ocidentais insistem em associar à masculinidade e à feminilidade, existem independentemente do sexo em sociedades primitivas. Para a referida antropóloga "qualquer discussão acerca da posição da mulher, do seu caráter e do temperamento, da sua escravização ou emancipação, obscurece a questão básica; o reconhecimento de que a trama cultural por trás das relações humanas é o modo como os papéis dos dois sexos são concebidos..." (1969, original 1935, p. 23). Vejamos como se desenvolve essa trama cultural e de que modo participa da elaboração da identidade feminina.

A questão da bissexualidade foi abordada por Mead, a qual naturalmente atribui o peso do fator cultural a este fenômeno. Em sua concepção, a criança desde a mais tenra idade aprende que determinadas características são atribuídas ao homem, enquanto outras são delegadas à mulher. Em toda sociedade, o indivíduo é confrontado em seu crescimento com dois grupos de pessoas, classificadas em homens e mulheres a partir de seus caracteres sexuais primários, havendo no entanto grande variação tanto no físico quanto na conduta. As diferenças sexuais primárias vão moldar a primeira experiência infantil com relação ao mundo, através do contato da criança com seu próprio corpo e das respostas dos outros a sua condição sexual. Decorre daí a assimilação de uma identidade masculina ou feminina. A partir desta primeira identificação a criança fará comparações com os padrões inerentes ao seu sexo, não apenas

do ponto de vista físico, mas também dos interesses e motivações. Se estes últimos não formam coerência com o estereótipo sexual de sua cultura, a criança é forçada a rejeitar partes de sua herança biológica específica. Mead ressalta a existência de diferenças genuínas entre tipos constitucionais, de maneira que não se pode falar de um tipo exclusivo de masculinidade, nem de feminilidade, e que os atributos diferenciadores terão implicações profundas para o padrão de inter-relacionamento entre os sexos. E afirma: "em cada uma dessas sociedades que estudei, foi possível distinguir aqueles que se desviaram de forma mais profunda da conduta e físicos previstos, efetuando tipos diferentes de ajustamento dependentes da relação entre seu próprio tipo constitucional e o ideal cultural. Um menino que cresça, orgulhoso e pertinaz, e cujo orgulho o torne sensível e exposto à confusão, sofrerá de um destino diferente em Bali, entre os Samoanos, arapesh ou manus" (1971, original 1949, p. 118).

Este ideal cultural explorado por Mead origina-se no seio da família, através da participação de cada um dos seus membros e sobremaneira através do relacionamento dos filhos com os pais. Nas obras acima referidas, Mead analisou nos povos primitivos, as formas de estruturação da família e a participação efetiva de cada membro desta família. Apreendendo o modo de participação de cada indivíduo no seio da família, chegou à constatação de uma crise no relacionamento da criança com os pais, fenômeno este definido na teoria psicanalítica como situação edípica. Esta crise ocorre no período em que meninos e meninas vivenciam o desenvolvimento da sexualidade. São ca-

pazes de um sentimento intenso, buscam o prazer sexual e através de sua imaturidade procuram uma solução satisfatória para o conflito com os pais. De que maneira isso ocorre? Na concepção de Mead, "o menino deve abandonar parte de sua inclinação apaixonada para com sua mãe e de sua rivalidade com o pai, e a menina, sua inclinação para com o pai e a rivalidade para com a mãe. Cada um deve aceitar seu pai do mesmo sexo como um modelo para sua própria conduta no futuro. Ao mesmo tempo, devem aceitar um adiamento da satisfação sexual plena, que inclui o reconhecimento de que os pais se pertencem mutuamente e não aos filhos" (1971, original 1949, p. 96). A autora enfatiza no entanto que, os padrões de experimentação da sexualidade infantil variam em função da permissão ou restrição que cada núcleo familiar oferece a suas crianças. Assim, em Samoa, os jogos sexuais infantis são aceitos com muita naturalidade, não provocando ameaça à ordem social. As crianças samoanas são amadas, cuidadas e criadas em famílias enormes e estáveis e não dependem para sua segurança de uma tênue ligação com os pais. Os adultos revelam uma personalidade estável e o desajustamento sexual dificilmente ocorre. As relações harmônicas desse povo, a sua integração no grupo social total e a sua emoção difusamente espalhada no grupo familiar, impedem que o pai samoano sinta o desejo insistente de seu filho para com a mãe como algo que o ameace. Nesta medida, a cultura samoana demonstra que a solução da situação edipiana depende da relação entre pais e filhos, estabelecida culturalmente, e não através dos impulsos biológicos das crianças.

Entre os Mundugumor no entanto, a relação dos pais com os filhos se dá de forma diferente. A cultura desse povo superenfatiza as hostilidades e especificidades sexuais nas relações entre pais e filhos. Nesta ênfase de uma ligação intersexual forte entre pais e filhos, encontra-se a origem do ciúme e da competição não só entre os membros do sexo masculino como também entre as mulheres. Dada a hostilidade inerente aos Mundugumor, eles vivem a constante ameaça de não se reproduzirem, de ficarem reduzidos a pequenos grupos, onde a cultura de sapareceria. Nesta medida, "a solução do conflito edipiano, que coloca cada homem contra o outro, pode ser uma solução perfeitamente tolerável para o indivíduo" (1971, original 1949, p. 104).

Um outro modelo diferenciado de estrutura familiar foi visto ainda por Mead. Trata-se desta feita dos Arapesh, os quais obscurecem qualquer interesse na ligação entre adultos e crianças. Entre eles há um tratamento idêntico para ambos os sexos. Meninos e meninas inserem-se numa rede de famílias muito relacionadas, com aguçado sentido de cooperatividade, cuja preocupação básica é a aquisição de alimentos. Os interesses sexuais infantis não são despertados, dando lugar às preocupações com a alimentação e o abrigo. Assim, afirma a autora: "nesta sociedade onde o nexo entre os homens não é a competição pelas mulheres, mas sua empresa comum de alimentar pessoas de todas as idades e de ambos os sexos, a atenção se desloca da especificidade da luta edipiana para a batalha interna que cada indivíduo trava com seus próprios impulsos, para que ele (ou ela) se torne fértil e apto para gerar seres humanos.

Os pais permanecem aliados na batalha do filho, não exigindo proibições pesadas, não disputando ou estimulando a criança com oponentes fortes e perigosos" (1971, original 1949, p. 106).

Do exposto, de acordo com a análise de Mead, podemos já concluir que o modo como o menino ou a menina apreende sua identidade sexual está diretamente vinculado à solução da situação edipiana, que por sua vez varia dependendo do contexto cultural em que está inserida. Em seu artigo "A padronização do temperamento sexual" (1969, original 1935), Mead lança mão dos seus estudos entre os povos primitivos para expor detidamente padrões de comportamento sexual, os quais poderão ilustrar as implicações de diferentes condicionamentos culturais, dos temas tratados anteriormente. Inicialmente aponta os Arapesh e os Mundugumor como povos incapazes de tirar proveito de um contraste entre os sexos. Os Arapesh têm como característica ideal, tanto para o homem como para a mulher, a docilidade e a suscetibilidade, enquanto o ideal Mundugumor também para o homem e a mulher é a violência e a agressividade. Porém, entre os Tchambuli, também estudados por Mead, existe um total contraste entre as atitudes sexuais, sendo a mulher o parceiro dominador, dirigente e impessoal, enquanto o homem assume menor responsabilidade e é emocionalmente dependente. Destas constatações, conclui Mead: "Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas - tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalantar crianças - podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo, e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres, assim como para a maioria dos homens, não nos resta mais a me-

nor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo" (1969, original 1935, p. 268).

2.2 - BRONISLAW MALINOWSKI

Os trabalhos desenvolvidos por Malinowski em sociedades primitivas e abordados amplamente em sua obra "Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem" (1973, original 1927), tiveram uma influência marcante no seio da Psicanálise, sobretudo no que concerne ao tratamento da sexualidade. Reconhecendo a importância deste tratamento para o estudo do homem, o autor ultrapassa os limites do biologismo freudiano e faz realçar os aspectos sócio-culturais da estruturação familiar, núcleo básico dos estudos psicanalíticos. Neste sentido, trata de problemas centrais da Psicanálise, tais como: a natureza do impulso sexual, a autoridade paterna e a formação do complexo de Édipo, o tabu do incesto. Suas críticas possibilitam um diálogo aberto e profícuo da Psicanálise com a Ciência Social.

Tendo considerado que o problema básico da Psicanálise consistiu em ignorar a diferença entre a reação definida biologicamente e o ajustamento cultural, Malinowski procurou desvendar os laços familiares, e nestes a passagem da natureza para a cultura.

Na visão do autor a família representa uma micro-célula da sociedade e sua forma de constituição encontra-se diretamente vinculada aos valores, costumes e idéias dessa sociedade. É neste sentido que se revela a grande diferença entre a família animal e a humana. Na primeira, os laços são desfeitos com a cessação da necessidade biológica de proteção, enquanto na família humana essa necessidade perdura por muito tem

po e acaba por inaugurar uma segunda etapa, baseada na construção de atitudes da criança, na introjeção de leis, costumes e desenvolvimento da moralidade. E tudo isto implica na formação da identidade masculina/feminina. É em decorrência da posição que o pai e a mãe assumem na família, que a criança começa a distinguir o lado masculino e o feminino da vida social. As mulheres que cuidam da criança representam a ternura, a docilidade. Os homens gradativamente revelam o princípio da força, da ambição e da autoridade. Para Malinowski, esta distinção só surge no segundo período da infância, pois antes, pai e mãe possuem papéis indiferenciados para a criança. Os laços familiares constituem pois nesta visão, o núcleo a partir do qual desenvolve-se a personalidade e a estruturação da identidade de ambos os sexos. Com esta perspectiva, Malinowski abordou comparativamente a família patrilinear da civilização moderna e a família matrilinear de algumas comunidades das ilhas do Noroeste da Melanésia. Na primeira, o pai encontra-se imbuído de uma grande autoridade tanto para a mulher como para o filho, fato este apoiado pela sociedade. A ele cabe a responsabilidade da subsistência material da família, da transmissão dos preceitos morais na educação dos filhos. O ideal de sabedoria, justiça e poder paterno apresentam-se em graus variáveis e de formas diferentes são inculcados na criança. Esse ideal paterno, no entanto, não é fácil de ser mantido, começa a se decompor a partir do momento em que a criança começa a perceber as contradições do pai, as suas fraquezas. Desenvolve assim emoções contraditórias com relação ao pai, uma mistura de preferência, desprezo e afeição. Neste momento, as instituições

patriarcais exercem sua força social, desenvolvendo assim a atitude do filho para com o pai. O papel da mãe nesta sociedade é relegado a um segundo plano, a ela cabe a responsabilidade doméstica e o cuidado dos filhos, funções estas destituídas de valor social. É ela ainda que, nos primeiros anos de vida da criança transmite os tabus sexuais, inaugurando um padrão de moralidade sexual própria a este tipo de sociedade.

Entre os povos de comunidades matrelineares, Malinowski encontrou que, a linha materna traça a herança e a sucessão, sendo os filhos pertencentes ao clã da mãe. O menino sucede ao tio materno na posição social e herda as posses materiais não do pai, mas do irmão ou irmã da mãe. Nestas comunidades, o pai não é reconhecido como parente dos filhos, ou seja, entre estes nativos não é reconhecida a participação do pai na procriação dos filhos. Ele assume uma posição de amigo e benevolente companheiro para com os filhos, enquanto o tio materno representa para estes a disciplina, a figura de autoridade. Aqui, a posição da mulher em relação ao marido não tem um caráter servil, pois esta possui um reconhecimento público e privado; tem suas próprias posses. A relação mãe-filho é trilhada por caminhos de amizade e muito carinho.

Embora nestas comunidades primitivas a relação pais-filhos possua um caráter positivo, Malinowski reconhece em seu interior a existência de forças repressivas. Essas forças possuem duas matrizes diferentes, uma funda-se na submissão à lei tribal matriarcal e a outra nas proibições da exogamia. A primeira realiza-se sob a influência do irmão da mãe, o qual institui os sentidos de honra, orgulho e ambição na criança, for-

malizando uma relação bem próxima à do pai em nossa sociedade. A segunda força repressiva envolve o distanciamento sexual que o menino deve manter com sua irmã e até mesmo com as parentas do lado materno e as mulheres do mesmo clã. É na irmã no entanto que o tabu se aplica com maior rigor. Esboça-se já a grande diferença entre os tipos de família que o autor comparou. As diferenças constatadas sedimentam sua posição relativa ao fenômeno edípico, encontrado por Freud nas relações familiares e que na concepção psicanalítica constitui a base para estruturação da sexualidade tanto masculina quanto feminina.

Para Malinowski, diferentes formas de estruturação familiar resultam em diferenças na estruturação do complexo de Édipo. Neste sentido, o complexo de Édipo apontado por Freud "corresponde essencialmente à nossa família patrilinearariana, com a 'patria potestas' desenvolvida, apoiada no direito romano e na moral cristã e acentuada pelas condições econômicas modernas da burguesia abastada. No entanto, admite-se que este complexo existe em todas as sociedades selvagens ou bárbaras. Isto certamente não pode ser correto ..." (1973, original 1927, p. 20). Desta forma, o complexo de Édipo estudado por Freud, constitui um fenômeno típico da sociedade patriarcal, e formaliza-se na criança através de atitudes cuja base se encontra em seus desejos recalçados para com o pai e a mãe.

Relevando no entanto as matrizes sociais no seio da família, Malinowski constatou em algumas comunidades matrilineares a existência de um dinamismo bem próximo ao complexo de Édipo, embora com particularidades divergentes. E afirma que: "aplicando a cada uma dessas sociedades uma fórmula concisa em

bora crua, podemos dizer que no complexo de Édipo há o desejo reprimido de matar o pai e casar-se com a mãe, enquanto na sociedade matrilinear das Trobriand o desejo consiste em casar-se com a irmã e matar o tio materno" (1973, original 1927, p. 74). Através desta análise, Malinowski mostra que os pressupostos de Freud acerca do complexo de Édipo, necessitam acompanhar as modificações da natureza humana que são produzidas pela constituição da sociedade. Para ele, este complexo não pode ser considerado um princípio criador da cultura, mas um desajuste, que sob a influência do direito materno assume forma menos nociva que sob o direito paterno.

2.3 - GEORGES BALANDIER

A escolha de Balandier para compor o quadro das contribuições antropológicas ao problema da identidade feminina, prende-se à sua preocupação com a questão da relação entre os sexos e a dinâmica social que a movimenta. Na visão antropológica do autor, a união do homem com a mulher é biologicamente determinada e necessária à reprodução da espécie. É essa união ainda que fornece a infra-estrutura a partir da qual, e conforme o modelo que a representa, as relações sociais podem ser estruturadas e concebidas.

Em seu artigo "Homens e mulheres ou a metade perigosa" (1976, original 1974), o autor expõe a relação entre os sexos, suas representações, ideologias e dinamismos elementares a partir de contribuições da mitologia africana. A maneira como a relação entre os sexos se define simbolicamente vai refletir diretamente nas práticas codificadas de alguns povos primitivos. Os relatos míticos enfocados, embora escassos, tradu-

zem o difícil acordo do "dualismo sexualizado" na ordem do mundo. A distribuição das representações e símbolos implicam diretamente na forma como é definido o relacionamento masculino/feminino e a ideologia subjacente a este relacionamento, embora só parcialmente os expresse. As práticas codificadas enfocam um outro lado das relações entre os sexos e especificamente da posição feminina.

Aqui não nos interessa uma ampla abordagem das mitologias africanas estudadas pelo autor, mas apreender as formas culturais que provocam uma ocultação da mulher, considerada por Balandier a "metade perigosa" da sociedade. Os mitos africanos, em particular os fon e os bambara expressam com clareza a difícil união entre os sexos, os princípios que originam a feminilidade e a masculinidade. De acordo com os mitos bambara, o casal inicial, participante da obra de criação, é constituído por um elemento macho, Pemba, "portador" de sementes e conhecimentos, e por um elemento fêmeo Muso Koroni, depositário das sementes e dos conhecimentos. Estes elementos porém, não são capazes de consolidar suas relações e fracassam. A personagem mulher nega-se a participar da criação e rompendo com o personagem homem passa a vagar pelo universo, instalando a desordem e o mal. Surge então uma nova entidade, Faro, que vem assegurar em sua pessoa a união dos princípios machos e fêmeos. É através de sua interferência que a criação se completa, instalando a ordem humana. Essa ordem no entanto não simboliza a união perfeita e sim uma união tensiva e ameaçada. Segundo Balandier é por causa dessa ordem que, "o homem e suas obras não podem existir senão de maneira problemática; a esfera da

harmonia completa não lhe pertence; a desordem resultante do atrito entre a complementação e a oposição a todo instante ameaça reaparecer" (1976, original 1974, p. 23). A narração mitológica bambara revela uma definição ambígua e até mesmo negativa com relação à mulher. Por uma parte a criação e a ordem não são estabelecidas sem a participação do elemento feminino, por outra, este elemento tal como é representado, gera desordem, conota impureza, feitiçaria e cumplicidade com as forças do mal.

Os mitos fon indicam um novo sentido em direção ao "dualismo sexualizado". Na origem, possuem uma divindade andrógina, Nana Baluku, que simboliza o começo absoluto através da criação dos elementos que comporão a ordem do mundo. Esta ordem no entanto é promovida pelo par Mawu-Lisa gerado por Nana Baluku. Mawu é fêmea e, Lisa, macho, e são apresentados ora como gêmeos, ora como uma pessoa de dupla face. Em qualquer interpretação, é a sua capacidade de unir que constitui a base da organização do universo e da sociedade. Embora este casal não esteja condenado ao fracasso, como ocorreu ao casal bambara, não pode por si só completar a criação. Para atingir esta finalidade associa-se a outro personagem mítico, Dã, mais caracterizado como uma força do que como pessoa. Esta entidade é mais concebida sob a forma de andrógino do que de gêmeos; diz-se que ele é "dois em um" e que daí advém sua capacidade de contribuir para a criação. Suas ações estão sempre vinculadas ao Vodũ (povo dos deuses), que também não se apresentam de forma bem definida. Ora são andróginos, ora personagem dupla e até gêmeos de sexos opostos.

Diante das narrativas do autor, "três modelos parecem predominar: o andrógino que realizou a união ideal das diferenças, que é ser completo (conforme a interpretação fon) e que representa um criador de ordem e um aval de continuidade; o casal de gêmeos de sexo oposto que conserva sua unidade do nascimento comum (o bom nascimento, ainda segundo os fon), que simboliza a dualidade dominada, mas já vulnerável, a lei de constituição dos seres por oposição complementar; e o casal mítico que instaura a primeira relação do homem e da mulher - por causa de suas diferenças e que tende à unidade pois que ela não lhe é atribuída inicialmente" (1976, original 1974, p. 27).

Descendo agora às práticas codificadas de alguns povos primitivos, Balandier encontra uma estrita associação entre estas e o problema da relação entre os sexos, particularmente da posição social feminina. Alguns povos africanos expressam em suas práticas a natureza dessa posição. Assim, entre os Lugbara, a mulher situa-se em termos de topografia social numa marginalidade; é excluída e associada às forças incontroláveis e perigosas da natureza. Os Ndêmbu, também na África, utilizam a linguagem da caça para expressar e exaltar a superioridade do homem. As mulheres têm o encargo da procriação que resulta da fertilidade, e embora esta fertilidade expresse a necessidade, conota também a inferioridade da mulher. A atividade masculina é caracterizada pela mobilidade, descontinuidade e ainda por uma participação social intensa. Em conjunto os homens constituem o núcleo da comunidade e as atividades valorizadas estão sob seus encargos. "Ao contrário, as mulheres se definem pela estabilidade (o casamento "fixa-as"), pela con

tinuidade (as tarefas repetitivas e ininterruptas) e pela marginalidade social, na exata medida em que suas atividades são as mais individualizadas" (1976, original 1974, p. 32).

Naturalmente que a relação entre os sexos sofre transformações em decorrência do tipo de sociedade global que se considere e conforme a lógica do sistema que o define. Permanece porém o papel contrastante da sexualidade e sobremaneira a afirmação de inferioridade da mulher, mesmo em situações onde se encontram hierarquias sociais ponderadas. A mulher está sempre situada à margem dos conhecimentos, das práticas e das relações mais valorizadas. Sua passividade é exaltada por estes povos primitivos da África. Um relato da organização social dos Burundi sugere que "a mulher é a terra passiva (ela recebe, ao passo que o homem é a semente, traz o germe da vida). Ela apresenta caracteres opostos aos que identificam o homem de status superior: forte e apta para as tarefas materiais, inábil, instável e pouco capaz de dominar suas emoções" (1976, original 1974, p. 36). Desse sistema de representações pode-se inferir um argumento básico; o que mostra as relações sociais entre homens e mulheres submetidas às mesmas vicissitudes das relações entre todas as categorias de superiores e todas as categorias de inferiores.

A partir das evidências antropológicas abordadas pelos autores estudados podemos inferir a grande contribuição da Antropologia no que tange à estruturação da identidade sexual.

Mead ressalta a maleabilidade da natureza humana, capaz de responder diferentemente às condições culturais contras

tantes. Estas condições culturais originam-se na família, a qual responde pela transmissão aos filhos do ideal cultural. No seio da família, à época em que a criança vivencia sua sexualidade, surgem conflitos entre a criança e os pais, conflitos estes definidos na teoria psicanalítica como complexo de Édipo. Para esta autora a assimilação da identidade masculina/feminina está diretamente vinculada ao fenômeno da bissexualidade inerente à condição humana. Por sua vez os padrões de comportamento entre os sexos são elaborações culturais, as quais cada geração, masculina e feminina terão que adaptar-se.

Malinowski aborda tanto quanto Mead a questão do relativismo cultural, acrescentando no entanto novos elementos ao debate referente ao complexo de Édipo formulado pela Escola Psicanalítica. Para este autor o complexo de Édipo tal como estudado por Freud, surge numa dinâmica familiar própria à sociedade patriarcal e por conseguinte não pode ser considerado universal. Contudo, Malinowski aponta que, estudando culturas diferentes constatou sempre a existência de uma figura de autoridade familiar que varia em função das especificidades de cada cultura. Nas comunidades matrilineares por exemplo, a autoridade é representada pela figura do tio materno e o objeto do desejo para o menino deixa de ser a mãe e passa a ser a irmã. Assim, o autor estabelece uma relação entre o tipo de sociedade e o fenômeno que ele chama de complexo nuclear, fazendo um paralelismo com o complexo de Édipo formulado por Freud.

Através de sua abordagem antropológica Balandier expõe o "dualismo sexualizado" como agente gerador da ordem e portador da desordem em potencial. É a ambivalência implícita

na natureza dos sexos que fundamenta a sociedade e a cultura. Desde suas origens portanto, a sociedade encontra-se fundada numa complementaridade vulnerável e de perigoso dinamismo. A ideologia implícita neste dinamismo sublinha a desigualdade, a dominação e a ínfima inserção social da mulher. O estudo dos mitos vão embasar a questão da desigualdade entre o homem e a mulher nas diversas culturas, sendo essa a sua importância para a análise da identidade feminina formulada pela Psicanálise.

3 - A ESCOLA DE PSICANÁLISE CULTURALISTA

A Escola de Psicanálise Culturalista inaugurou um debate profícuo e extremamente valioso para o conhecimento da mulher. Partindo das mesmas premissas e utilizando os mesmos métodos de investigação de Freud, esta Escola empreendeu uma revisão da Psicanálise baseando-se fundamentalmente numa acentuação do papel da cultura no comportamento da mulher. Esta nova perspectiva de Psicanálise sofreu grande influência da Antropologia, sobretudo dos seus preceitos que tratam da relativização dos padrões de comportamentos sexuais, possibilitando desta maneira uma enriquecedora compreensão da posição que a mulher ocupa nas sociedades competitivas e de suas funções correspondentes, aspectos estes apontados pelos cientistas sociais como sérias lacunas deixadas por Freud em seus estudos sobre a mulher.

Dentre os psicanalistas que mais incisivamente se destacaram na constituição dessa nova abordagem temos, Karen Horney, Clara Thompson e Alfred Adler. Suas contribuições abriram novos espaços de compreensão não só para a mulher, mas para todos os seres humanos. Suas pesquisas empenham-se em mostrar que a anatomia não é o destino da mulher, e que as representações que esta elabora de si mesma e dos outros tem sua origem em uma civilização que a coloca numa disposição de abjeta inferioridade.

3.1 - KAREN HORNEY

Preocupada com o fantasma masculino que pontuava a psicologia feminina na época de Freud, Horney baseia todo seu trabalho numa busca implícita e explícita da natureza da mulher. Para ela, o fato de todas as observações sobre a mulher

serem ditadas por analistas homens, contribuíam para a perpetuação de uma civilização masculina que propagava a inferioridade da mulher. E a mulher aceitava de maneira dócil esse fantasma masculino que vai de encontro a sua "verdadeira natureza".

Seus trabalhos sobre a sexualidade feminina são embasados pelas asserções freudianas e possuem um enfoque trazido das Ciências Sociais. Em 1924 no artigo "On the genesis of the castration complex in woman", Horney inicia suas acusações ao falocentrismo freudiano, questionando a origem da inveja do pênis, fenômeno típico e invariável do desenvolvimento feminino. Incorporando a noção de inferioridade constitucional ditada por Freud, ela busca nas condições concretas da realidade social os elementos que vêm reforçar essa inferioridade. Assim, relaciona os fatores constitucionais com os dados da cultura, mostrando por exemplo como a maior objetividade do homem e seu maior interesse nas realizações intelectuais estão diretamente vinculados com a satisfação que ele obtém na investigação do seu corpo. A mulher por outro lado, utiliza tendências exibicionistas como uma compensação por não obter o mesmo êxito que o homem na investigação de seu corpo.

A autora aborda a inveja do pênis e encontra na menina na circunstâncias concretas que poderão explicar esta inveja, e afirma: "... como um fato real, do ponto de vista de uma criança neste estágio de desenvolvimento, as meninas pequenas estão em desvantagem em relação aos meninos, no tocante a certas possibilidades de gratificação. Pois, a menos que estejamos bastante certos quanto à realidade desta desvantagem, nós não

poderemos compreender que a inveja do pênis seja fenômeno quase inevitável na vida das meninas, um fenômeno que não faz senão complicar o desenvolvimento feminino". (1924, p. 38).

Em sua abordagem, a forma direta sob a qual a inveja do pênis se manifesta na menina seria o desejo de urinar como um homem. Esse desejo por sua vez possui três componentes: o primeiro seria o erotismo uretral, o qual demonstra a superestimação que as crianças de um modo geral atribuem às suas proezas excrementais, embora as fantasias de poder e onipotência, sobretudo aquelas de caráter sádico, sejam facilmente dirigidas ao jato urinário do menino. Esse jato urinário por sua vez possibilita ao menino a satisfação dos seus desejos escopofílicos, pois ele pode ver os seus órgãos genitais. A escopofilia constitui pois o segundo componente do desejo da menina. O terceiro diz respeito à facilidade que tem o menino de visualizar seus órgãos genitais, o que facilitará a intervenção de impulsos masturbatórios e, segundo Horney, a menina inevitavelmente interpretará esse fato como uma permissão concedida ao menino para se masturbar; permissão que a ela foi negada. A menina, desde cedo percebe os preconceitos e tabus que envolvem seu sexo, e a liberdade que é dada ao menino para expressão de sua sexualidade. Através desta análise, a autora sugere que a constituição biológica da menina a impede de obter as mesmas gratificações sexuais do menino, porém não se pode por esta ótica explicar a inferioridade feminina. Esta possui um caráter social bastante consistente pois, toda cultura está voltada para uma ênfase e supervalorização do elemento masculino. Para Horney, é no narcisismo masculino, em grande par

te imputado por valores culturais, que se deve a idéia fortemente enraizada de que as mulheres sentem seus órgãos genitais como inferiores. Assim, o sentimento de inferioridade de que sofre a menina advém em grande parte das restrições culturais que lhes são impostas e que tira sua possibilidade de satisfazer componentes pulsionais muito importantes na fase pré-genital, a saber os componentes narcísico, escopofílico e auto-erótico, descritos anteriormente. Mas essa inferioridade tem limite e este esgota-se na mulher madura, quando ela, transformando-se em mãe passa a dispor de grande energia sexual, o que lhe dá um caráter de superioridade. A inveja do pênis na mulher tem assim seu correlato na inveja da maternidade, desenvolvida no homem. Porém, o sentimento de inferioridade que o homem desenvolve pela sua pouca participação na procriação não tem as mesmas conseqüências que tem o sentimento de inferioridade constitucional na mulher. O homem, ao contrário, procura compensar essa sua desvantagem através de realizações objetivas. Mas, porque a mulher não faz uma semelhante compensação? Para Horney haveria duas explicações: ou porque a inveja do pênis é menor do que a inveja da maternidade, ou porque a mulher transforma essa inveja no desejo de possuir marido e filhos. O núcleo da inferioridade da menina situa-se pois em seu obstáculo biológico intensificado pela realidade social.

Analisado o problema da inveja do pênis, surge para Horney uma nova questão. Poder-se-ia associar o complexo de castração a esta inveja? Em sua análise, do ponto de vista da sucessão no tempo, é a "feminilidade ferida" que possibilita o complexo de castração. A inveja primária do pênis é superada

no curso do desenvolvimento sexual da menina, graças a uma identificação com a mãe. Para ela, a menina suprida desse destino bio-social busca uma identificação com a mãe, parceira igual a ela, e dirige seu amor ao pai. Este, inicialmente retribui a suas manifestações, encorajando as seduções da menina, para em seguida rejeitá-la. Esta rejeição seguida de muita decepção pa-ra a menina, constitui a fase fundamental do complexo de cas-tração, a qual nada tem a ver com a inveja do pênis e sim com a fantasia de sedução pelo pai, seguida do abandono dele. Ao ser abandonada pelo pai, a menina relega seu amor por este e com isso renuncia também a seu desejo feminino de ter um filho. Identifica-se com o pai e faz uma regressão à fase pré-genital, onde predominava a inveja do pênis. Seus sentimentos para com ele e para com os outros homens posteriormente serão pontua-dos por um resquício de amor, um intenso desejo de vingança por ter sido abandonada, e ainda de sentimento culposos devido a seus desejos incestuosos.

Relevando uma outra característica da mulher analisa-da por Horney, temos o masoquismo feminino, cuja explicação freudiana a autora critica incorporando ainda em sua argumen-tação elementos das Ciências Sociais. Embora acredite que o ma-soquismo possui um aspecto sexual, não concorda que este seja um pormenor essencial. Ela privilegia os fatores sociais causa-dores de conflitos interpessoais no que tange à produção do ma-soquismo, e afirma que assim o masoquismo não é apanágio da mu-lher, mas ele ocorre também no homem. Horney concebe que os erros dos psicanalistas ao considerar o masoquismo como um fe-nômeno basicamente sexual e feminino advêm de dois fatos. De

um lado porque, estabelecidas as tendências masoquistas, estas podem prevalecer na sexualidade encontrando aí sua condição de satisfação. De outro lado porque as barreiras sócio-culturais são impostas com muito maior vigor à mulher do que ao homem. Definindo o masoquismo como "a tentativa de obter segurança e satisfação na vida através da obscuridade e da dependência" (1939, p. 112), ela explica como as barreiras sociais induzem as mulheres a tentar obter o "controle dos outros por intermédio da debilidade e do sofrimento, a procurar na doença um alibi para o fracasso" (1939, p. 112).

3.2 - CLARA THOMPSON

Thompson ressalta a importância das variações culturais para a estruturação da identidade feminina. Seus escritos de 1941 à 1950 exprimem em tons pragmáticos o resultado de suas observações clínicas. Em sua concepção, as analisandas de Freud, situadas numa sociedade vienense vitoriana, distanciam-se grandemente daquelas inseridas na sociedade capitalista americana que foram seus objetos de estudo. Estas últimas vivenciam uma maior liberdade de expressão pressionadas que são pelas exigências da vida econômica. Para ela, o contexto da sociedade contemporânea e sua crescente industrialização vem impondo mudanças substanciais no comportamento feminino, mudanças estas direcionadas a uma maior autonomia da mulher em relação ao homem. Por isto, não se pode hoje falar de um tipo exclusivo de mulher. As sociedades capitalistas possibilitam uma transição da mulher essencialmente doméstica para um novo tipo de mulher que possui uma identidade profissional, e que na vida competem com outras mulheres e mesmo com os homens. Tudo is

so tem contribuído para uma modificação no caráter essencialmente reprodutor da mulher, vindo a refletir no próprio sistema familiar através de uma limitação da prole. É a cultura interferindo na função biológica da mulher.

Mas nesse novo quadro não se pode falar ainda de uma situação estável para a mulher, esta ainda vive uma fase de transição difícil e contraditória. Os longos condicionamentos que elevaram a mulher à categoria de inferioridade e submissão diante do homem permanecem numa certa medida até os dias atuais determinando uma ambiguidade no comportamento feminino. De um lado a mulher busca sua libertação no seio da sociedade, de outro sente-se culpada por abandonar valores que lhe foram incutidos como fundamentais ao papel feminino. Essa ambivalência no comportamento da mulher, Thompson busca compreender utilizando para tal os pressupostos psicanalíticos. Enfim, a autora parte de um referencial que sublinha a história de vida da mulher, ou seja, a sua interação familiar e por meio desta a aquisição dos comportamentos sociais. Ela propõe em sua análise da identidade feminina, elementos discordantes daqueles acentuados por Freud.

Inicialmente afirma não ter encontrado como Freud, que a mulher em seu desenvolvimento sexual renuncia aos prazeres do clitóris para uma descoberta da vagina. Ela encontrou variações neste desenvolvimento sexual. Algumas das suas pacientes não estavam conscientes do clitóris como órgão independente, elas o exploravam com sensações de prazer. Outras mulheres tinham um precoce conhecimento da vagina e uma longa história da sua masturbação vaginal. Esta descoberta do sexo

possui uma vinculação direta com o tratamento dos pais para com a filha, em particular o da mãe. É a partir desse tratamento que a criança assimilará seu corpo e a relação deste com sua identidade sexual. Aos órgãos genitais da menina é atribuído um caráter de impureza, o qual determinará uma imagem negativa do corpo e uma feminilidade do eu enfraquecida. A educação treina a mulher dentro de um universo à parte dos homens e num clima de total insinceridade, especialmente no que se refere aos seus interesses e ao seu ser sexual. Se aspectos tão vitais à natureza da mulher como estes são negados, infere-se que a sociedade negligencia e até nega o eu feminino. É essa negação do eu feminino que Thompson vai associar diretamente ao conceito de inveja do pênis. Ela nega o valor absoluto que Freud atribuiu à inveja do pênis, acreditando que este é um fenômeno que poderá ou não ocorrer às mulheres, e prefere entendê-lo como uma expressão simbólica do desejo de igualdade com o homem. Sendo assim, a inveja do pênis ocorre mais facilmente nas mulheres insatisfeitas com seus papéis femininos. Para Thompson, estes sentimentos devem provavelmente surgir de uma dependência não resolvida e uma dominação egoísta da mãe, ou ainda de um enfraquecimento gradual do eu, devido a uma mãe des_{tr}utiva e um pai desinteressado.

Os mecanismos de compensação da falta do pênis na mulher expressam-se de várias formas e, na sociedade capitalista, foco de atenção da autora, encontra-se como um dos mecanismos fundamentais, a expressão do narcisismo feminino. A mulher dependente e marginalizada economicamente preocupa-se exageradamente em tornar-se atraente e com isto obter e conservar os

meios de subsistência e a posição social que possa lhe assegurar a união a um ser masculino. Ela encontra no corpo a única expressão do seu ser e resigna-se às aparências. Segundo essa visão, o pênis representa o privilégio e o poder masculino, o sinal da pessoa no poder, cuja referência é fundamental à sociedade competitiva.

3.3 - ALFRED ADLER

Adler, em 1911, instaurou a Escola de Psicologia Individual, quando nessa época a estreita convivência com Freud e seus pressupostos teóricos tornou-se insuportável. Adler, ao contrário de Freud, via nos dinamismos sociais os elementos sobre os quais o indivíduo, homem ou mulher irão compor a sua identidade sexual. Sua principal contribuição encontra-se na análise da dominação e autoritarismo que as instituições, as atitudes tradicionais, leis e valores fornecem ao homem, e na submissão que daí decorre para a mulher. Atributos como coragem, honras, títulos, são exigidos no desempenho masculino, e tudo isso é transmitido através da educação. Desde pequeno o menino adquire com o pai os padrões que compõem o ideal masculino e empreende uma luta constante para adquirir sua superioridade e ser dominante. De tal forma essa dominação está arraigada na civilização ocidental, que a distinção entre homem e mulher tornou-se uma mera questão de senso comum. Tudo que é louvável tem conotação masculina, e tudo que tem menos valor é designado como feminino.

Desde seus primeiros anos a menina é levada a descreditar dela própria, do seu valor, e da sua capacidade de realizar qualquer coisa produtiva. Todos os padrões sociais

a impedem de constituir uma auto-confiança e um desenvolvimento salutar de sua feminilidade. Partindo desses pressupostos, e tendo em vista as vantagens óbvias de ser homem, não é raro que a menina desenvolva um ideal masculino. Busca em seu caráter atributos que venham compensar sua inferioridade e utiliza sua inteligência para a aquisição de honras e privilégios. São as mulheres que se tornam extremamente ativas e ambiciosas e que encontram na competição com o homem uma solução para suas vidas. Esse quadro compõe o primeiro dos três tipos de mulheres que Adler encontrou. Todos expressam em suas características uma reação ao papel feminino atribuído pela civilização.

A mulher que se resigna à vida pela humildade e submissão pertence ao segundo tipo. Esta se ajusta a todo padrão e assenta sua raiz em qualquer lugar onde se estabeleça, embora suas condutas revelem sempre alto grau de insegurança. Produz sintomas nervosos, os quais servem para denotar sua fraqueza e com isso demonstrar ao outro que precisa de consideração. Sua atitude submissa e humilde são sinais de uma prolongada revolta contra a insatisfação do papel feminino que lhe é imposto.

O terceiro tipo é marcado pelas mulheres que não se defendem contra os papéis femininos e que trazem em si a certeza de sua inferioridade e subordinação. Elas são convencidas de que só o homem pode arcar com as realizações produtivas da vida e como consequência aprovam a posição privilegiada do homem, o colocando no lugar especial de ser superior.

Adler procura mostrar que o erro em acreditar na inferioridade da mulher perturba a harmonia entre os sexos, não raro provocando uma tensão nas relações eróticas e ameaçando destruir a integração entre os sexos. Para ele tais aspectos são claramente observados no casamento, onde o homem e a mulher guiam-se irrevogavelmente pelas exigências da civilização, e com isso reproduzem comportamentos que nada têm a ver com a natureza própria dos sexos. O resultado universal do erro da civilização tem mostrado que as relações entre os homens e as mulheres tornaram-se um jogo, onde cada um tenta viver um papel que não lhe cabe. Em decorrência, suas vidas tornaram-se complicadas, suas relações perdem toda afetividade, eles se encontram até a superfície mergulhados em erros, falsidades e preconceitos, na face da qual toda a harmonia é afastada.

Vimos como os autores abordados neste capítulo enfatizam os aspectos sociais na composição da identidade sexual, aspectos até então negligenciados pela Psicanálise freudiana. Embora haja aproximação em suas abordagens na medida em que chamam atenção para o interrelacionamento dos conflitos pessoais com os fatores sócio-culturais, cada um deles ressalta aspectos específicos bem relevantes.

Horney parte de uma análise da constituição biológica dos sexos e associa as desvantagens biológicas da menina com os padrões sociais que a esta são impostos pela sociedade. Desta forma ela propõe uma revisão dos conceitos de inveja do pênis, do complexo de castração, do masoquismo feminino e intro-

duz a noção de inveja da maternidade no homem, fenômeno até então ignorado pela Psicanálise. Suas explicações baseadas em dados da realidade social possibilitaram uma nova visão da inferioridade anatômica da mulher ditada por Freud.

Thompson propõe uma visão atualizada da mulher na medida em que a situa na sociedade industrializada, onde seu papel doméstico pouco a pouco dá lugar a um papel profissional. Adverte porém a mulher para que este novo papel não prejudique sua feminilidade, pela ânsia competitiva que estimula. Em suas concepções Thompson acentua que o problema da mulher não é se tornar reconciliável por não possuir o pênis, mas em aceitar a sua própria sexualidade, no seu próprio lugar.

Em Adler, sua originalidade está na maneira como ele aborda a dominação do homem e as implicações desta para a relação entre os sexos. Denota grande preocupação com a transmissão dos padrões errôneos que qualificam a mulher de ser inferior, e chama atenção para os mecanismos de compensação utilizados por ela.

4 - O DISCURSO FEMINISTA

Ideologicamente a maior parte do movimento feminista funda-se numa negação dos pressupostos freudianos acerca da mulher. Acusado de seguir um determinismo biológico demasiadamente rígido, Freud é praticamente anulado por muitas feministas ávidas por destruírem sua concepção de mulher anatomicamente defeituosa. Acusam-no ainda de um tratamento exagerado da sexualidade e de um moralismo que o impediu de apreender com clareza as nuances da sexualidade e as interferências sociais que modelam as diferenças entre os sexos.

Por princípio o movimento feminista busca compreender a existência da mulher e a participação desta na sociedade, e com isso tentam anular o caráter de inferioridade a que ela foi submetida pela Ciência psicanalítica. As feministas acusam Freud de seguir a ordem da sociedade patriarcal que o impediu de relativizar as posições que as diversas culturas propõem à mulher. Acusam-no ainda de atribuir as características assumidas pela personalidade feminina aos fatores constitucionais, tornando assim absoluto nos dados palpáveis da Biologia um sistema de valores cujo sentido só tem existência no tempo histórico.

Em nosso estudo importa sobremaneira o pensamento das feministas pelas contribuições que têm dado ao estudo da mulher. No espaço aqui aberto traremos as perspectivas feministas de Beauvoir e Friedan, profissionais que incisivamente marcaram a história do movimento feminista. Beauvoir propõe uma ótica existencialista na qual o ser humano assume o significado de sua existência nas ações e nos projetos formados. To

da consciência é uma transcendência que delinea sua liberdade, numa superação constante de si mesma, em busca de outras liberdades. Neste sentido a sexualidade só pode ser definida por meio de uma tensão dialética em que se move a consciência. O homem e a mulher só adquirem suas identidades num face a face corporal que os compromete um e outro, um ao outro; é só nesta reciprocidade que eles experimentam o que são.

Friedan, embora seus trabalhos não sigam um rigor teórico-metodológico necessário para uma contraposição à Psicanálise, expressa grandemente a situação opressiva em que está submetida a mulher pelas regras da sociedade. Motivaram enormemente as mulheres para uma reavaliação de suas condições, conscientizando-as da necessidade de se oporem às normas estabelecidas. Desta contribuição resulta sua inclusão no desenvolvimento deste trabalho.

4.1 - SIMONE DE BEAUVOIR

O Segundo Sexo (1949), obra clássica de Beauvoir, influenciou decisivamente toda uma geração de feministas, e segue até hoje como um protesto e uma alerta à inferioridade social em que está submetida a mulher. Na sua preocupação com o aprendizado que a mulher faz da sua condição, como a vivência, e as soluções que apresenta para sua existência, encontramos o núcleo das contribuições que Beauvoir promoveu para a compreensão da identidade feminina. ~~De~~ Entre todas as suas premissas, traçamos aqui aquelas que mais incisivamente nos interessa, a saber, suas posições relativas ao contexto da sexualidade feminina proposto por Freud.

Para esta autora, "ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como o outro" (1967, original 1949, p. 9). Enquanto vivencia seus primeiros anos de vida, existindo para si, a criança não se percebe diferenciada sexualmente. Ambos os sexos experimentam as mesmas sensações através do corpo, que se constitui em instrumento por meio do qual apreenderá o mundo. O corpo total e não apenas seu sexo. À princípio o mundo apresenta-se ao recém-nascido sob a forma de sensações imanentes. Acha-se envoltó no todo do mundo e só pouco a pouco começa a perceber o contorno que o separa dos objetos. Inicia assim o drama original de todo ser humano, o drama de sua relação com o outro, e numa tentativa de minimizar a angústia desse momento, busca o apego da mãe. Os adultos de uma maneira geral assumem para a criança a proporção de deuses e nesta medida ela tentará seduzi-los. Durante os três ou quatro anos não há diferença entre a atitude das meninas e dos meninos, é só após esse período que pouco a pouco serão configuradas as diferenças entre os sexos. E na configuração dessas diferenças, os pais como agentes dos preceitos da sociedade terão enorme participação. No menino é incutido pelos pais o ideal masculino, ele não pode chorar nem ter caprichos, nem tampouco permanecer ligado à mãe; procuram de todo modo ofuscar sua sensibilidade. Mas essas exigências a que o submetem implicam diretamente numa valorização como for-

ma compensatória de tudo que lhe foi negado. É persuadido de que é por causa de sua superioridade que se exige mais dele, encorajando-o a seu difícil caminho; incitam-lhe o orgulho da virilidade. Para Beauvoir, "... essa noção abstrata reveste para ele um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam." (1967, original 1949, p. 13).

A situação da menina por outro lado, encontra-se bem diferenciada no que concerne à demanda que os pais e a sociedade de uma maneira geral têm para com ela. É para ser dócil, sensível e submissa que a menina veio ao mundo. Por isso, os pais dirigem a ela a maior parte de seus carinhos, permitem-lhe a sedução e os caprichos. Com respeito à seus órgãos genitais o caráter secreto destes não chamam a atenção, nem são valorizados, de certo modo ela não tem sexo. A menina porém não sente essa ausência como uma falha, ela vivencia seu corpo de forma plena, mas por estar situada no mundo de modo diferente do menino, uma série de fatores poderá transformar para ela essa diferença em inferioridade.

Beauvoir não aceita o argumento psicanalítico do complexo de castração, para ela as meninas descobrem diferentemente a anatomia masculina, e aceitam pacificamente as diferenças entre os sexos. Embora aqui a autora concorde com Horney de que há na menina uma inveja da possibilidade que tem o menino de exibir seus órgãos genitais e de ter um jato urinário semelhante, ela acredita que não se pode conferir a isso uma exagerada importância. O privilégio urinário do menino é bastante

secundário para engendrar diretamente um sentimento de inferioridade. A princípio a menina não se sente punida ou castrada pela ausência do pênis, mas o sentimento de frustração só surgirá quando ela se achar descontente com sua situação. Atribuirá sua insatisfação à ausência do pênis, quando por exemplo não for capaz de satisfazer seus desejos de masturbação, de exibição, ou quando sentir-se menos querida, menos amada do que seus irmãos.

Ao contrário do menino que assume sua subjetividade através da alienação num órgão do seu próprio corpo (o pênis), que se torna para ele o símbolo da autonomia e do poder, a menina busca num objeto exterior, a boneca, algo que desempenhe junto dela o papel de "alter ego". Mas a boneca representa um corpo total e por outro lado é uma coisa inerte. Por isso, a menina é levada a alienar-se em sua pessoa por inteiro e a considerá-la passiva. Assim, na concepção de Beauvoir "a passividade que caracterizará essencialmente a mulher é um traço que se desenvolve nela, desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico; na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas." (1967, original 1949, p. 21). No homem há um movimento integrado, seu corpo integra sua existência total. A mulher desde o início busca uma solução para o conflito entre sua existência e seu "ser outro". Aprende des-

de cedo que para agradar é preciso sair de si, procurar agradar o outro, e desta forma faz-se objeto. É preciso agradar ao homem pois o universo em seu conjunto é masculino, e ela entende que é dependente, que é inferior. Isolada num mundo onde suas próprias atividades exigem paciência e tolerância, apreende-se como passiva diante de um universo masculino que define os fins e os valores. Diante da autoridade masculina, renuncia a criticar, a examinar, a julgar por conta própria. Tais circunstâncias convidam a mulher a voltar-se para si mesma e a dedicar-se a seu amor.

Para Beauvoir, a mulher é levada ao narcisismo por caminhos convergentes. A privação do "alter ego" que o pênis é para o menino; a insatisfação de sua sexualidade agressiva; e mais importante ainda, a proibição de atividades consideradas viris pela sociedade. Tudo isso faz a mulher limitar-se aos interesses do seu eu, e com isso tem reduzido seu espaço existencial.

4.2 - BETTY FRIEDAN

Friedan constitui um marco importante no surgimento dos movimentos de libertação feminina, e suas denúncias hoje situam-se no âmbito da política. Em "The Feminine Mystique" (1963), a segunda obra importante escrita sobre o assunto (a primeira foi O Segundo Sexo, de Beauvoir), Friedan revoluciona o pensamento vigente a respeito da sexualidade feminina, inaugurando praticamente o movimento feminista americano, o qual trouxe para suas fileiras profissionais das mais diversas disciplinas preocupados com a existência da mulher. Nesta obra ela procura diagnosticar o problema da mulher norte-americana a partir

da angústia suscitada pelo vazio que o trabalho doméstico traduz. E assim se expressa: "encontrei a origem, ao mesmo tempo do feminismo e da frustração das mulheres, na inutilidade do papel de dona de casa. As tarefas essenciais e as grandes decisões situam-se fora do lar, e as mulheres sentiram a necessidade de combater para terem o direito de participar destas tarefas e decisões." (1963, p. 274). As insatisfações que nutrem as mulheres, e que provocam distúrbios de ordem psicológica, são acarretadas pela "mística feminina" elaborada e veiculada pela ideologia dominante. A "Mística Feminina" diz respeito a um modelo de "mulher ideal", cujo único trabalho é o doméstico, o único interesse é o refinamento segundo os padrões de beleza vigentes e a única preocupação é encontrar e conservar o marido. Seu papel social encontra-se assim reduzido à participação na reprodução e conservação da família. Desta forma, a incorporação da "mística" impõe barreiras à inserção feminina no mercado de trabalho, proposta pelas feministas como alternativa para o papel de dona de casa, constituindo-se num verdadeiro requisito funcional da sociedade de classes.

Como não poderia deixar de ser, Friedan dedica parte de sua obra a uma crítica a Freud, acreditando que este generalizou apressadamente a condição feminina, ou seja, ignorou os relevos histórico-culturais, traçando um modelo de mulher vienesse vitoriana. Ela considera que o conceito de inveja do pênis elaborado por Freud, só pode ser adscrito às mulheres de classe média que eram suas pacientes em Viena numa época vitoriana, não podendo assim ser reproduzido numa outra época, como explicação literal de tudo aquilo que estava errado com as

mulheres americanas. As mulheres vitorianas, recalçadas sexualmente e invejosas dos privilégios sociais do pênis, manifestavam sintomas histéricos. Freud, por sua vez, imbuído do preconceito de que as mulheres eram inferiores, demarcou a causa desses sintomas. Considerava-os uma desadaptação às reais condições que caracterizam a mulher, e deste modo resumia toda a cultura patriarcal dos vitorianos e dos judeus. É este o motivo pelo qual a condição da mulher não se altera com o nascimento da Psicanálise. Pelo contrário, a Psicanálise freudiana vem reforçar a "mística feminina" em países onde as idéias de Freud tiveram maior repercussão. E a difusão dessas idéias pela Psicologia, Educação e mesmo pelas Ciências Sociais serviu para conferir-lhe o prestígio de verdade científica incontestável. Para Friedan, as mulheres norte-americanas foram vítimas de poderosa armadilha ao aceitarem como verdadeiras as hipóteses de Freud. A prática terapêutica psicanalítica ao invés de propiciar uma liberação da mulher, contribuía para confiná-las em seus conflitos de dona de casa.

Neste capítulo ressaltamos as posições existencialistas de Beauvoir, nas quais verificamos a tonalidade expressiva que ela aplica aos fatores sociais, responsabilizando-os pela superioridade do homem. É a cultura patriarcal responsável pela consciência que a menina tem de sua inferioridade social real, e pela consciência que o menino tem de sua superioridade. Esta autora repudia ainda a primazia de uma sexualidade complexa, afirmando a importância primordial de uma unidade humana original.

As idéias de Friedan expressam o descontentamento que tomou conta das mulheres, sensíveis às contradições que a cultura imprime às suas naturezas. São essas contradições que a autora tentou apontar em algumas premissas freudianas acerca da sexualidade feminina. Tais premissas utilizando-se de características particulares de uma dada época histórica, reforçam a "mística feminina", tão prejudicial à liberação da mulher quanto foram os preconceitos transmitidos por nossos avós.

5 - EM DEFESA DE FREUD

As idéias que até aqui esboçamos, constituem um quadro crítico erguido a partir das principais asserções freudianas sobre a feminilidade. Essas críticas têm questionado o determinismo biológico de Freud, particularmente nas suas implicações ideológicas procurando mostrar que a unilateralidade com que a Psicanálise abordou a sexualidade feminina contribuiu para manter a mulher numa abjeta posição de inferioridade social. Mas, sobre este quadro crítico, têm surgido na atualidade, movimentos interessados não mais em combater a Psicanálise freudiana, mas em invocá-la. Procuram, num retorno à Freud, uma melhor compreensão da sexualidade feminina sobretudo naqueles pontos que foram deixados de lado. Podemos dizer que foi Lacan o inspirador dessa nova facção de pensamentos, quando, à sua maneira propõe uma releitura de Freud, aproximadamente vinte anos depois da morte deste. Lacan incorpora conceitos da Linguística e da Antropologia para uma compreensão da lógica do inconsciente, utilizando para isto o método estruturalista. A partir dessa visão estruturalista as descobertas freudianas sobre sexualidade feminina só podem ser analisadas à luz das representações psíquicas do inconsciente. Para Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

A inveja do pênis, da qual falam Freud e a escola inglesa, é compreendida por Lacan fora do contexto da Biologia ou dos limites da Anatomia. É dentro da ordem simbólica onde se observa o primado do significante no engendramento do significado, que Lacan vai abordar esta questão. A criança, ao efetuar sua entrada na ordem do simbolismo social e cultural encontrará o problema edípico, e de sua solução vai depender seu

acesso à sociedade. É através do Édipo que a criança passa de uma relação imaginária com a mãe, para uma relação mediata, graças a sua inserção na ordem simbólica da família. O pai, desempenha no Édipo o papel da lei simbólica que instaura a relação triangular, e com sua autoridade possibilita a interdição da união com a mãe. Segundo Lacan, o fracasso do Édipo caracteriza as diferentes estruturas de personalidade.

Compondo este novo quadro de pensamentos, vamos encontrar estudiosos preocupados com a questão da feminilidade, entre estes, temos: Moustapha Safouan, Michèle Montrelay, Luce Irigaray, Juliet Mitchell etc., alguns dos quais introduziremos no debate que aqui iniciamos. Além destes, temos que destacar a importância do grupo *Politique et Psychanalyse* em Paris, que procura de forma mais consistente transformar a teoria psicanalítica em prática política. Influenciada pela interpretação lacaniana de Freud, esta facção emprega a Psicanálise para a compreensão das operações do inconsciente. Parte do pressuposto de que só através da Psicanálise é possível compreender a ideologia sexual, o significado da sexualidade e a vivência de ambos os sexos nas condições materiais de cada sociedade.

Mas vejamos então o que de fundamental surgiu nessa revisão de Freud, proposta por Lacan e encaminhada por seus seguidores.

5.1 - JULIET MITCHELL

Inicialmente podemos nos reportar a Mitchell, que em sua obra Psicanálise e Feminismo (1979, original 1974), adverte: "para compreender as idéias de Freud sobre a feminilidade e

a sexualidade feminina é necessário referi-las às duas teorias fundamentais da Psicanálise: em primeiro lugar, a natureza da vida mental inconsciente e as leis particulares que governam o seu funcionamento e, em segundo lugar, o significado da sexualidade na vida humana. Somente no contexto destas suas proposições básicas fazem sentido as sugestões de Freud a respeito das diferenças psicológicas entre o homem e a mulher." (1979, original 1974, p. 27). Na sua concepção, grande parte das acusações a Freud partem de problemas específicos, porém, o que se refuta é toda estrutura psicanalítica, na medida em que esta funda-se no inconsciente. Foi através dos seus estudos do inconsciente que Freud elaborou as questões sobre a feminilidade, mesmo aquelas que não parecem estar diretamente relacionadas ao inconsciente. Sendo assim, a natureza da feminilidade encontra-se na natureza das representações inconscientes do psiquismo. Desta forma, a questão da inveja do pênis, não pode ser entendida levando-se em conta o órgão anatômico, mas as idéias representativas do pênis. É neste contexto, não se trata de um determinismo biológico nem de um determinismo social, mas de um determinismo do inconsciente, não numa perspectiva finalista, mas enquanto estruturante do psiquismo. Quanto ao primeiro aspecto, diz Mitchell: "se a anatomia fosse realmente o destino, como Freud uma vez afirmou desastrosamente, seria melhor nos acomodarmos e renunciar, pois nada distinguiria a homem dos animais. Mas Freud fez essa observação desastrosa no contexto de uma ciência preocupada em explicar as leis sociais humanas, tais como são representadas no inconsciente" (1979, original 1974, p. 419). Para ela, não tem senti-

do a acusação do determinismo biológico de Freud, pois ele sempre percebeu a distinção entre Psicanálise e Biologia.[?] O elo associativo entre estas duas ciências encontra-se apenas na medida em que nossa vida mental reflete, de forma transformada, aquilo que a cultura fez com nossa constituição biológica e nossas necessidades.

Quanto à acusação de que Freud negligenciou a realidade social criando um modelo de mulher inferior, a autora afirma que só poderia ser assim, pois o raciocínio psicanalítico parte de uma análise do patriarcado. Ele reconstrói a história da humanidade a partir do assassinato do pai primitivo que institui a marca do patriarcado, a lei do pai. E é neste contexto que a mulher se torna uma criatura social sexualizada. Na concepção de Mitchell: "as diferenças de classe, a época histórica, situações sociais específicas, alteram a expressão da feminilidade; mas, em relação à lei do pai, a situação das mulheres é praticamente a mesma em todo lugar. Aqueles que condenam Freud por não ter levado em conta a realidade social têm, eles mesmos, uma visão muito limitada dessa realidade. A realidade social que Freud procurou elucidar é a representação mental daquilo que é realmente a sociedade" (1979, original 1974, p. 423).

5.2 - MICHÈLE MONTRELAY

Prosseguindo com o enfoque de autores que, identificados com o pensamento freudiano e seguindo a proposta revisionista de Lacan, fizeram acréscimos à teoria da sexualidade feminina, abordaremos aqui as contribuições de Michèle Montrelay. Encontramos em seu artigo "Investigação sobre a feminilidade "

(1970), a base destas contribuições. Neste artigo a autora enfoca o problema do falocentrismo freudiano e sublinha a distinção entre pênis e falo. A este último não se pode atribuir o significado de uma realidade anatômica, mas os ideais e valores que o pênis representa. É a função desse pênis idealizado que impulsionará a evolução da sexualidade feminina.

Partindo desse pressuposto, Montrelay se interroga sobre o caráter de "continente negro" atribuído à mulher por Freud, e encontra algumas respostas. Antes porém ela esclarece o significado dos termos que adotará para suas explicações. Para ela, "a palavra mulher designará o sujeito que, como o homem, é efeito da representação inconsciente. Por feminilidade se entenderá o conjunto de pulsões "femininas" (orais, anais, vaginais), na medida em que se opõe resistência aos processos de repressão. Por último, a repressão se distinguirá da censura: esta última é sempre passiva, enquanto a repressão tem valor de ato ... A censura que se estabelece, se produz com efeito de uma ausência de representação que é irrepresentável e portanto "ininterpretável". Pelo contrário, a repressão supõe uma simbolização: permite que a representação seja catexizada como tal ... A repressão é sempre um processo economicamente estruturante" (1970, p. 207). A sexualidade feminina acha-se pois, envolta nas particularidades desses termos. Vejamos como isso acontece à luz da experiência analítica.

Na concepção de Montrelay, a feminilidade resiste intensamente à análise, visto que, o discurso que nesta se estabelece possui um caráter direto, imediato, parecendo manifestar toda a vida. Este caráter de imediatez, torna-se no entan

to um impecilho para a análise. Na medida em que ignora a repressão, a feminilidade faz fracassar a interpretação. Neste sentido, a autora acredita ser o erotismo feminino menos reprimido e mais censurado que o do homem. Suas pulsões circunscrevem o chamado "continente negro", no sentido em que se encontra fora do circuito da economia simbólica.

Observemos agora os fatores que concorrem para a ausência da repressão na feminilidade. Inicialmente Montrelay sublinha o caráter social que se expressa diferentemente no menino e na menina. Nesta, as proibições e ameaças concernentes à masturbação são bem menores. A anatomia própria do órgão sexual feminino permite à menina viver sua sexualidade de forma protegida, enquanto a anatomia masculina impede a discreta manifestação da sexualidade. O menino experimenta com seu sexo o perigo, mas também a lei.

Outros processos concorrem ainda para manter a sexualidade feminina fora da economia da representação. Agora não mais de ordem social, mas pulsional; trata-se do entrelaçamento de pulsões orais-anais, com o prazer vaginal. A menina de forma precoce, faz circular sua sexualidade em torno de um só orifício, a vagina, que tem a capacidade de absorver e possuir. "Se esse insaciável órgão-orifício está no centro da sexualidade precoce, se modela todo movimento psíquico segundo esquemas circulares e cerrados, compromete a relação da mulher com a castração e a lei: absorver, tomar, compreender significa reduzir o mundo a "leis" pulsionais mais arcaicas. Movimento oposto ao que supõe a castração, onde o gozo do corpo se perde "para" um discurso que é outro". (1970, p. 203). Aqui Montrelay

segue o raciocínio da escola inglesa quanto à precocidade da experiência sexual feminina e afirma que tal precocidade, ao invés de promover uma possível maturação a dificulta, pois serve para manter o erotismo fora da representação da castração. A angústia que surge na relação da mulher com seu próprio corpo, constitui outro obstáculo à repressão. Desta feita, trata-se do fato de que todo acontecimento de ordem sexual como: puberdade, experiências eróticas, maternidade, surge como se viesse de outro. A atualização de sua feminilidade, reencarna o real de outro corpo, o corpo da mãe, que nos primeiros anos de vida foi o organizador do desejo. E como nada está proibido para a mulher, ela permanece ligada à presença desse corpo. Esta ligação por sua vez gerará uma angústia insistente e permanente, pela impossibilidade que tem a mulher de "perder" esse primeiro objeto, para assim simbolizá-lo. Segundo a autora, "é raro que em análise a angústia se manifeste como tal. Comumente se oculta sob as defesas que provoca. Trata-se de montar uma representação não já simbólica, senão imaginária da castração ... E isto é uma empresa fácil, justamente porque a anatomia feminina faz notar uma falta: a do pênis. Ao ser seu próprio falo, a mulher se disfarçará pois com esta falta, fazendo surgir a ilusão ótica da dimensão da castração". (1970, p. 210).

Os modelos de figuração que a mulher utiliza são variados. A ausência do pênis pode ser representada, tanto pelo silêncio como por manifestações ruidosas. Experiências eróticas, místicas, neuróticas, são não raro utilizadas como forma de representar sua falta. Assim, na tentativa de reduzir seu

corpo a nada, a mulher poderá utilizar o masoquismo, a passividade e mesmo a impotência.

5.3 - MOUSTAPHA SAFOUAN

Seguindo as revisões propostas por Lacan e dando prosseguimento aos trabalhos deste no âmbito da interpretação psicanalítica da sexualidade, Safouan dirige suas pesquisas em busca de uma maior compreensão da evolução sexual da mulher, como um todo erigido a partir do complexo de Édipo. Em seu trabalho A Sexualidade feminina na doutrina freudiana (1977, original 1976), ele inicia seu debate a partir do significado do falo na evolução sexual da menina. Seguindo o monismo sexual sublinhado por Freud, o autor enfatiza que também para a menina só existe um órgão ou mais precisamente uma única espécie de órgão sexual: o falo. Este não quer dizer pênis, a menos que se fale de um pênis com a particularidade de não admitir vagina. A esse respeito, diz Safouan: "é claro, na verdade, que a idéia de um órgão que repele qualquer laço ou relação, seja ela de complementaridade ou de oposição, mas que, no seu esplendor solitário, monádico, aceita como única alternativa ser ou não ser, é um órgão essencialmente imaginário; mesmo se esta imagem é a de um órgão real, a saber, o pênis; ou, mais exatamente, o pênis no estado privilegiado da tumescência e da ereção" (1977, original 1976, p. 11). É portanto na ordem do imaginário que o falo trará a utilização da categoria de um sexo ou do outro sexo, visto que os seres vão-se diferenciar sexualmente não em homens e mulheres, machos e fêmeas, mas entre os que têm o falo e os que não têm. Surge daí o destino do homem e da mulher. Ter ou não ter por onde se atravessam todos

os seres humanos na sua passagem para o ser homem diferente do ser mulher.

É certo que a divisão fâlica não se superpõe à divisão sexual, e isso o discurso comum revela claramente. À sociedade cabe a responsabilidade de delimitar os papéis masculinos e femininos e com isso sublinhar as diferenças entre os sexos. Mas estas diferenças não explicam a natureza da primeira distinção sexual. Pelo contrário, exprimem uma profunda confusão na medida em que limitam os comportamentos, tanto masculinos, como femininos.

O falicismo, ou seja, a crença numa só espécie de órgão sexual assume assim para Safouan, tanto quanto para Freud, a melhor forma de caracterizar os dois sexos, embora seja bastante difícil de explicá-lo. E neste sentido, logo se afiguram as dificuldades próprias às meninas e aos meninos. Estas dificuldades dizem respeito à renúncia ao objeto primeiro de seu desejo, e à mudança de zona erógena, do clitóris para a vagina. No menino, o falicismo é mais facilmente explicável. Embora ele perceba precocemente sinais distintivos entre os sexos, ele julga que ambos possuem o falo. E segundo Safouan, "aqui intervém seu narcisismo. Tal é a importância que o menino dá a um órgão tão rico em sensações e do qual apreende obscuramente a significação, que ele se ama justamente enquanto menino." (1977, original 1976, p. 14). Durante o estágio do narcisismo, momento especular vivido numa relação imaginária dual com a mãe, o menino projeta no outro a imagem que tem de sua própria imagem. O sujeito se reconhece enquanto falo. Na menina, o clitóris torna-se o órgão representativo do falo, condi

ciona o amor a si mesma. O momento da percepção da ausência deste órgão poderoso, instituirá um grande enigma para sua sexualidade. Tal enigma refere-se ao fato de que, seja qual for o sexo, o sujeito só obterá prazer com sua imagem, se encontra nela, ou pelo menos idealiza encontrar, o "falo monádico". Para Safouan, não resta dúvida de que o clitóris é o equivalente fantasmático de um pequeno pênis, embora a experiência analítica mostre que a menina, ao sabor de sua fantasia utilize qualquer zona erógena do seu corpo para introduzir a imagem fálica, inclusive a vagina. Neste caso, segundo o autor, a menina a simboliza como um "falo côncavo".

Das diferentes formas de representação surgem as diferenças na evolução da sexualidade feminina com suas variadas formas de gozo. A equação "vagina = falo côncavo" leva a menina a uma crença e convencimento de realmente possuir o pênis, abolindo com isto a falta. A ameaça de extinção da vida sexual incitará as mulheres a se rebaterem sob a equação "clitóris = pequeno pênis", a qual, como indica seu próprio enunciado (pequeno pênis), deixa sempre a possibilidade e a esperança de que este venha a desenvolver-se.

Após essas colocações, Safouan dirige sua atenção para um outro estágio constituinte da evolução sexual feminina, a saber; o direcionamento de seu desejo para um objeto de sexo diferente do da mãe, por onde se formula o complexo de castração. A relação da filha com a mãe, que para o autor só pode ser compreendida através de uma reflexão sobre o enunciado básico desta relação: "O que a menina pede a sua mãe?" Num primeiro momento em que não há a assunção da diferença entre o eu

e o tu na relação intersubjetiva, o que eu quero funde-se com o que tu queres de mim. A menina encontra-se pois, barrada em face da demanda, ou seja, sem possibilidade de enunciar o que demanda. Isso implica que ela constitui-se como um sujeito que não sabe. Pois sua resposta encontra-se fora dela mesma, em outro lugar: o lugar do Outro, ocupado pela mãe. Mas, o "Outro está barrado tanto quanto a menina. O Outro da verdade é sem verdade." (1977, original 1976, p. 21).

O segundo momento da emergência do eu como ser falante, dá-se através da metáfora paterna. E nesta organização, "o primado da lei no desejo do Outro (é, para nós, o sentido da metáfora paterna); o complexo de castração significa então que o falo, cujo primado assim se estabeleceu, é uma falta ...". (1977, original 1976, p. 114). Isso é que faz com que se ultrapasse o momento de identificação imaginária, da indiferenciação entre eu-tu e se opera a nova formulação: tu não és o falo. Caminho por onde se dá a diferença da sexualidade masculina e feminina.

Enquanto há um outro que fala pela mulher, toda uma história se desenvolve em que ela não assume o seu desejo, o que a torna submissa a um mundo de recalques, dito por Freud como "continente negro", reconhecendo nesse instante que não há homem que fale dela ou por ela.

As considerações feitas pelos autores abordados neste capítulo oferecem uma nova dimensão ao debate sobre os determinismos biológico e cultural.

Mitchell sublinha as representações inconscientes do psiquismo como a perspectiva através da qual se pode apreender a natureza da feminilidade. Ressalta ainda que do ponto de vista cultural, é através da análise do patriarcado que Freud encontrou o lugar da mulher como ser social.

Montrelay discute os elementos que compõem a sexualidade feminina revelando que na mulher a sexualidade é suscetível de permanecer à margem da repressão. Ela mostra como o aspecto social, o entrelaçamento das pulsões orais-anais com o prazer vaginal e a angústia que tem a mulher na relação com seu próprio corpo são fatores que concorrem para a ausência da repressão na mulher. Tais aspectos constituem a base sobre a qual surgem os elementos que caracterizam a sexualidade feminina.

Enfatizando o falicismo inerente tanto ao menino quanto à menina, Safouan procura expor as características particulares dos sexos. O complexo de castração fará a menina apreender-se como não sendo o falo e desta forma constituir uma identidade própria. A forma como a mulher representa o falo é que vai direcionar a evolução de sua sexualidade.

6 - AVALIAÇÕES FINAIS

Este capítulo tem por finalidade avaliar as concepções que aqui trouxemos, visando não uma solução para a questão proposta, mas ampliar o debate em busca de novas soluções. Todos os momentos girarão em torno de uma mesma interrogação: até que ponto Freud, com os determinismos que povoam suas concepções sobre a mulher contribuiu para um conhecimento da estruturação do psiquismo feminino, especificamente no que se refere à identidade sexual? Sem dúvida louvamos o esforço e a preocupação que sobre este tema Freud deixou fluir. No entanto, as controvérsias e as denúncias que ele suscitou afirmam fortemente o caráter ambíguo e as vezes pouco consistente de suas concepções. A conjunção das propostas aqui trazidas servirão para por em evidência essas controvérsias.

A técnica expositiva adotada neste trabalho permitiu que ao longo do seu desenvolvimento ficassem explícitas as posições referenciadas pela tema proposto. Deste modo, cabe-nos aqui ressaltar os principais aspectos relativos aos determinismos biológico e cultural implícitos nas premissas freudianas para a composição da identidade feminina. Antes, no entanto, consideramos relevante uma contextualização do momento histórico-social no qual o pensamento de Freud foi instaurado. Acreditamos assim poder oferecer uma melhor compreensão das suas idéias.

Viena, na passagem do século, vivia uma contradição visível entre uma moralidade excessiva da família burguesa e a licenciosidade sexual das ruas. Seus costumes sexuais em

quase nada diferiam da Inglaterra vitoriana, e sua vida social era notadamente feudal. Os anos anteriores à primeira guerra mundial marcaram Viena por um clima de enorme tensão, onde reinava a introspecção, a exaltação à morte e uma vivência intensa da solidão. Nesse clima, convivia-se paradoxalmente com as sátiras, as comédias, o gosto pelo novo, elementos que denotavam aos intelectuais da época o prenúncio da decadência do império. Neste quadro, um detalhe de primordial importância era a enorme população judaica que compunha o universo vienense. Nota-se inclusive que o sionismo e o moderno anti-semitismo originaram-se neste universo. Os judeus haviam conquistado um espaço, uma integração e a discriminação contra eles era fonte de enorme inquietação. Isso se refletia na atmosfera global da sociedade.

É ainda neste contexto que nasce o movimento feminista, preocupado em refletir e introduzir novos modelos culturais na participação social da mulher. Naturalmente este movimento estava engajado numa prática política, cuja ideologia propagava a luta pelos direitos da mulher, enfim, a sua liberação como ser social. Parece que nesse momento as feministas não marcavam grande reação às premissas freudianas, suas reivindicações ainda encontravam-se bastante incipientes e pouco difundidas. De um modo mais amplo elas refutavam o caráter incisivo com que Freud tratava a sexualidade e discordavam do tratamento que ele dava à sexualidade infantil. Mas, apesar de ainda não combaterem fortemente a Psicanálise, suas presenças e suas reivindicações constituíam um elemento explícito do contexto intelectual e cultural de Freud. Ele parecia interes

sado nas reivindicações contemporâneas de emancipação das mulheres, embora esse interesse não tenha sido suficiente para que interceptasse certas hipóteses que vinha desenvolvendo sobre as mulheres. Sua argumentação baseava-se nos preceitos da sociedade patriarcal e deste modo ele insistia num modelo de mulher voltado para as atividades domésticas e sob a proteção do homem. Para ele, a função básica da mulher era a reprodução. Neste sentido, afirma Mitchell: "Freud considerava que o destino cultural da mulher, que fazia com que ela se dedicasse mais à sexualidade e à propagação da espécie do que o homem, orientava também suas reações psíquicas mais para o amor e a sensualidade. Assim, era mais difícil para ela sublimar suas pulsões no interesse do trabalho ou das atividades culturais; por essa razão, ela se atrasava em relação ao homem na aquisição da civilização e do poder; ela teve que fazer grandes sacrifícios" (1979, original 1974, p. 449). E foi partindo deste sacrifício "natural" da mulher, que Freud sacrificou-a com seu esquema, o qual reproduzia o modelo vienense patriarcal de sua época. De uma maneira geral podemos dizer que a Psicanálise surgiu no momento triunfal do organicismo, numa sociedade marcada por esquemas sexuais vitorianos. Há nela entretanto, um elemento oposicional em relação a este contexto ideológico e cultural, no sentido de que foi constituída por um lado a partir de sintomas sexuais recalcados pela sociedade da época, por outro lado ela se rebela contra as representações e as práticas desta sociedade.

A Psicanálise é uma terapêutica e um sistema em que a sexualidade assume um papel essencial. Qual seria então a

como causa primeira de tudo, como a única fonte de cultura, da organização e da crença, como uma entidade metafísica, criada mas não criada, anterior a todas as coisas e não causada por algum motivo." (1973, original 1927, p. 125). Na concepção de Malinowski, o complexo de Édipo seria um sub-produto da cultura, engendrado a partir dos laços familiares, que dependem largamente do mecanismo social que atua em determinada sociedade. O exemplo dos Melanésios das ilhas Trobriand, apresentado por ele, parece mostrar a impossibilidade do desenvolvimento do complexo de Édipo numa cultura que desconhece as leis biológicas da concepção, em que o verdadeiro pai não é o titular da autoridade, sendo esta atribuída ao irmão da mãe. E neste caso é o tio quem representa as leis culturais e a moralidade, que vão possibilitar a interdição do incesto. As constatações de Malinowski não estão no entanto tão distanciadas daquelas de Freud. Há sim um deslocamento da figura de autoridade, do pai para o tio materno e neste caso Malinowski prefere denominar tal fenômeno de complexo nuclear em lugar do complexo de Édipo, dadas as variações que sofrem este complexo em função das particularidades de cada estrutura social.

Do que inferimos, as pesquisas dos antropólogos abordadas neste trabalho apontam uma lacuna deixada pela Psicanálise, aquela onde se situa a maleabilidade da natureza humana, que a torna capaz de reavaliar e recompor seus padrões de comportamento, revelando em cada sociedade uma tessitura cultural diferenciada. Desta forma, são as representações que cada sociedade impõe aos seus membros que vão codificar a identidade do homem e da mulher, não esquecendo que sobre estas represen-

tações repousa um tipo específico de ideologia. As críticas feitas a Freud por estes antropólogos dirigem-se pois à questão da universalidade do complexo de Édipo. Este aspecto porém tem sido relegado na atualidade pelos estruturalistas e aqui vale ressaltar a presença de Lacan, para quem o simbólico é a ordem que determina toda ordem, a lei da aculturação inscrita na linguagem. Nesta perspectiva, o simbólico que até então consistia numa relação simples entre a coisa simbolizada e o sinal simbolizante, passa a ser por si só um sistema de relações, eficaz no seu funcionamento, modificando o real. Esta concepção dos estruturalistas ultrapassa as relações entre o físico, o psíquico e o social, pois estes encontram-se de tal modo intrincados que o problema da causalidade perde seu sentido. Ultrapassada a antinomia entre o psíquico e o social, pouco importa que o pai seja ou não o sujeito que interdita a mãe ou a irmã. O importante é que haja sempre um elemento a interditar o acesso a outrem, que pode ser o irmão da mãe a interditar o acesso à irmã, ou à mãe, ou outro elemento que assuma o papel da lei. A esse respeito temos o comentário que Laplanche e Pontalis fazem sobre o Complexo de Édipo no Dicionário de Psicanálise: "O complexo de Édipo não é redutível a uma situação real, à influência efetivamente exercida sobre a criança pelo casal parental. Ele retira a sua eficácia do fato de fazer intervir uma instância interditória (proibição do incesto) que barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo à lei." (1976, original 1967, p. 120). Este ponto foi acentuado por Lacan. Tais argumentos reduzem o alcance das objeções feitas pelos antropólogos que discutimos

anteriormente e vão repercutir também nas concepções da Escola Culturalista. Os culturalistas denunciando que o referencial teórico de Freud funda-se numa ideologia do sexo dominante, sem dúvida contribuíram para a absorção de uma nova mentalidade nos meios psicanalíticos, que até então negligenciavam os aspectos histórico-sociais. Mesmo os neo-freudianos que procuravam ultrapassar o limite das asserções freudianas, não conseguiram vencer a barreira de uma ideologia fundada no domínio do patriarcado. E suas objeções a Freud permaneciam envoltas num mesmo círculo cujo alvo era a falta do pênis na mulher. Essa falta segundo os culturalistas, não pode ser reduzida a uma mera realidade biológica e é só no contexto de uma sociedade dominada pelo homem que a mulher poderá ser representada como sujeito castrado. No seio dessa sociedade a existência humana apoia-se numa dialética: a imposição do domínio do homem e a subsequente adaptação da mulher aos esquemas dominantes. Numa tal sociedade a mulher fará uma representação de si e do mundo como ser inferior e buscará esquemas compensatórios para sua inferioridade. As abordagens da Escola Culturalista, como dissemos anteriormente, sem dúvida deram o primeiro passo em busca das influências sociais que modelam o comportamento feminino. Tais abordagens apontam as disfunções sociais que permeiam a estruturação da identidade dos sexos, sem no entanto avançar em busca de explicações para essas disfunções.

Embora situem-se em lugares próprios, as críticas culturalistas e feministas originam-se numa mesma base, a ideologia anti-feminista subjacente aos pressupostos freudianos. As contribuições de Beauvoir e Friedan assumem importância singu-

lar para o propósito de nosso trabalho na medida em que expres sam em seus discursos uma posição que encontramos implícita nos escritos de Freud sobre a mulher: não há homem que fale pela mulher. E através de suas falas, as feministas parecem dizer que o caráter a-histórico com que a Psicanálise tratou a feminilidade possibilitou o afastamento da condição social da mulher, tornando-a submersa num mundo dominado pelo homem. As concepções freudianas que pontuam a sexualidade feminina são para Friedan grandemente prejudiciais, na medida em que enaltecem a "mística feminina" tão bem articulada pelas sociedades capitalistas que buscam através da "mística" a manutenção de uma ideologia do sexo dominante. O discurso feminista parece afirmar a todo momento que Freud elevou à categoria de generalização uma especificidade delineada na sociedade vienense, onde ele atendia suas pacientes neuróticas.

O discurso especificamente feminino tem sido na atualidade impulsionado também pela Escola de Lacan. Como vimos no último capítulo, essa Escola psicanalítica busca num retorno a Freud, realçar as suas descobertas no campo do inconsciente. Por essa ótica os lacanianos reduzem as críticas ao determinismo biológico e cultural de Freud, esquecendo no entanto da prosaica base sobre a qual se organiza a existência humana; o corpo, as necessidades e a violência social. Através de uma "versão estrutural", na qual a problemática do desejo é retomada na ordem do significante, a Escola de Lacan supõe que as descobertas freudianas transcendem os fatos da conjuntura social. Mas essa concepção parece servir ao propósito de um fechamento cada vez maior da Psicanálise e, como consequência um

maior ajustamento às normas dominantes da sociedade na medida em que reduz os fatos da realidade social. Esta maneira de abordar a sexualidade produz segundo Castel (1978), dois tipos de consequências bastante interligadas. Por um lado leva ao abrandamento das críticas feitas aos aspectos de maior repercussão da teoria de Freud, por outro serve para incrementar e modernizar certas funções mistificadoras da Psicanálise. Ainda na perspectiva de Castel, as concepções propostas pela Escola de Lacan, fazem calar um grande número de pensadores, o que é um paradoxo para quem pretende "liberar a palavra".

Pelas considerações feitas até então, não podemos negar que, os modos de questionamento de uma sociedade mudam conforme as formas de organização, de controle e de dominação que a caracterizam. Sendo assim, não se pode obscurecer as nuances que configuram as funções e disfunções sociais. Efetivamente temos de reconhecer que o negativismo com que Freud abordou a mulher, ajusta-se particularmente a uma ideologia da cultura patriarcal, na qual ele encontra explicações para esse negativismo. Por não ter atentado para o relacionamento das características femininas com as condições existenciais das mulheres, Freud reduziu seu espaço de desenvolvimento, colocando, como vimos, que aos trinta anos seu psiquismo assume posições definitivas, marcadas por uma inflexibilidade e imutabilidade. Ora, em sua época não restava outra alternativa à mulher senão assumir posições definitivas através do casamento e de suas funções reprodutoras. Seus espaços de desenvolvimento eram assim reduzidos e seus comportamentos baseavam-se numa passividade em relação aos comportamentos ativos do homem. Resta porém

ressaltar que essa passividade feminina é parte de uma série de atributos psicológicos, embora sua referência última tenha sido apreendida como uma condição física da mulher e usada como argumentação para estigmatizá-la. Freud buscou em funções elementares da Biologia, nas células masculinas e femininas, a explicação para os comportamentos sexuais da mulher numa relação com os comportamentos sexuais masculinos, reduzindo assim as possibilidades do comportamento feminino.

As explicações do comportamento social do homem e da mulher com base nas diferenças biológicas entre os sexos estão hoje ultrapassadas em vista da enorme documentação antropológica, sociológica e psicológica acumulada nos últimos anos. Apesar disso, a mulher permanece ainda envolta no "enigma" suscitado por Freud através de sua ótica anatomista e de sua visão histórica patriarcal. Decorridos muitos anos desde a fundação da Psicanálise, podemos dizer, no que concerne à sexualidade feminina, ou mais amplamente, no que diz respeito à relação entre os sexos, que a prática da Psicanálise manteve um empobrecimento quanto a sua dimensão social, apesar de todas as contribuições que a ela têm sido vinculadas. Pelas questões suscitadas no decorrer deste trabalho, procuramos contribuir com o surgimento de novas propostas em torno do "continente negro" da Psicanálise: a sexualidade feminina.

7 - BIBLIOGRAFIA

1. BALANDIER, G. - "Antropo-Lógicas", São Paulo, Editora Cultrix, 1976.
2. BEAUVOIR, S. - "O Segundo Sexo", São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1967.
3. CASTEL, R. - "O Psicanalismo", Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.
4. COPANS, S., GODELIER, M., TORNAY, S., CLÉMENT, C.B. - "Antropologia", São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1971.
5. FRIEDAN, B. - "The Feminine Mystique", New York, All Publishing Co. Inc., 1963.
6. FOUCAULT, M. - "História da Sexualidade", Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.
7. FREUD, S., BREUER, J. - "Los estudios sobre la Histeria" 1895 (1895), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol I, pp. 39-168.
8. FREUD, S. - "Los Instintos y sus Destinos" 1915 (1915), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol I, pp. 1035-1044.
9. FREUD, S. - "La Sexualidad en la Etiologia de las Neurosis" 1906 (1906), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol I, pp. 938 - 943.
10. FREUD, S. - "La Moral Sexual 'Cultural' y la Nervosidad Moderna" 1908 (1908), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol I, pp. 943 - 954.
11. FREUD, S. - "Fantasias Histericas y su Relacion con la Bissexualidad" 1908 (1908), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol V, pp. 954 - 958.

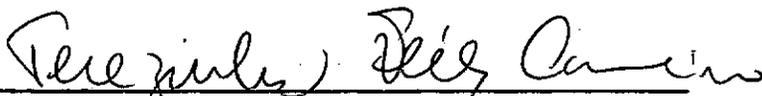
12. FREUD, S. - "Aportaciones a la Psicología de la Vida Ero-
tica" 1910 (1912), em Obras Completas. Madrid: Editorial
Biblioteca Nueva, 1968. Vol I, pp. 963 - 982.
13. FREUD, S. - "Sobre la Psicogenesis de un Caso de Homosexua-
lidad Feminina" 1920 (1920), em Obras Completas. Madrid:
Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol I, pp. 1004 - 1018.
14. FREUD, S. - "Introducion al Narcisismo" 1914 (1914), em
Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968.
Vol I, pp. 1083 - 1096.
15. FREUD, S. - "Mas Alla Del Principio Del Placer" 1920 (1920)
em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva,
1968. Vol I, pp. 1097 - 1125.
16. FREUD, S. - "Teorias Sexuales de los Niños" 1908 (1908), em
Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva ,
1968. Vol I, pp. 1171 - 1178.
17. FREUD, S. - "La Organizacion Genital Infantil" 1923 (1923),
em Obra , Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva
1968. Vol I, pp. 1195 - 1197.
18. FREUD, S. - "El 'Yo' y el 'Ello'" 1923 (1923), em Obras Com-
pletas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol II
pp. 9 - 30.
19. FREUD, S. - "Teoria de la Libido" 1910 (1910), em Obras Com-
pletas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol II
pp. 121 - 123.
20. FREUD, S. - "Teoria Sexual" 1916 (1918), em Obras Comple-
tas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol II ,
pp. 275 - 326.

21. FREUD, S. - "El Final del Complejo de Edipo" 1924 (1924) , em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol II, pp. 501 - 504.
22. FREUD, S. - "Totem Y Tabu" 1913 (1913), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol II, pp. 511 - 550.
23. FREUD, S. - "La Feminilidade" 1932 (1932), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol II, pp. 931 - 943.
24. FREUD, S. - "Algunas Consecuencias Psiquicas de La Diferencia Sexual Anatomica" 1925 (1925), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol III, pp. 482 - 491.
25. FREUD, S. - "Sobre la Sexualidad Feminina" 1931 (1931), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol III, pp. 518 - 534.
26. FREUD, S. - "Una Teoria Sexual" 1905 (1924), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol I, pp. 771 - 823.
27. GREER, G. - "A Mulher Eunuco", Rio de Janeiro, Editora Artenova, 1971.
28. GOFFMAN, F. - "Estigma", Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1978.
29. HITE, S. - "Relatório Hite", São Paulo, Difusão Editorial, 1978.
30. HORNEY, K. - "One the genesis of the castration complex in womem", in International Journal of Psycho-analysis, Vol V, Jan. 1924.

31. HORNEY, K. - "New ways in Psychoanalysis", W.W. Norton & Co. Inc., 1939.
32. HORNEY, K. - "The flight from womanhood" (1926), in Women & Analysis, New York, ed. Jean Strouse, Laurel Editions, 1974.
33. KÜHNER, M.H. - "O desafio atual da mulher", Rio de Janeiro Livraria Francisco Alves Editora, 1977.
34. LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. - "Vocabulário de Psicanálise", Lisboa, Moraes Editores, 1976, 3ª edição.
35. LEMAIRE, A. - "Jacques Lacan: Uma introdução", Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.
36. MALINOWSKI, B. - "Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem", Petrópolis, Editora Vozes, 1973.
37. MACHEL, S., KOLLONTAI, A., POSADAS, J., LAFARGUE, P., KAPO, V. e outros - "A libertação da mulher", São Paulo, Global Editora, 1980, 3ª edição.
38. MEAD, M. - "Macho e Fêmea", Petrópolis, Editora Vozes, 1971.
39. MEAD, M. - "Sexo e Temperamento", São Paulo, Editora Perspectiva, 1969.
40. MITCHELL, J. - "Psicanálise e Feminismo", Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- X 41. MISSE, M. - "O estigma do passivo sexual", Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.
42. MONTRELEY, M. - "Investigações sobre a feminilidade", Revista Critique nº 278, Paris, 1970.
43. MONTAGU, A. - "A superioridade natural da mulher", Rio de Janeiro, Editora Artenova, 1971.

44. MOULTON, R. - "The role of Clara Thompson in the Psycho-analytic study of women", in Women & Analysis, New York, ed. Jean Strouse, Laurel Editions, 1974.
45. ROSALDO, M.Z. e LAMPERE, L. - "A mulher, a cultura e a Sociedade", Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
46. SAFFIOTI, I.B.H. - "A mulher na sociedade de classes: Mito e Realidade", Petropolis, Editora Vozes, 1976.
47. SMIRGEL, J.C. - "A sexualidade feminina", Petropolis, Editora Vozes, 1975.
48. SAFOUAN, M. - "A sexualidade feminina na doutrina freudiana" Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
49. SAFOUAN, M. - "Estudos sobre o Édipo", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
50. THOMPSON, C.M. - "The role of women in this culture", (1941), in Women & Analysis, New York, ed. Jean Strouse, Laurel Editions, 1974.
51. THOMPSON, C.M. - "Cultural pressures in the Psychology of women", in Psychoanalysis and Women, New York, ed. Jean Baker Miller, Penguin Books, 1973.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



Prof^a Terezinha Feres Carneiro

(Orientadora) ?

PUC/RJ - Dept^o Psicologia



Prof^a Anamaria Ribeiro Coutinho

PUC/RJ - Dept^o Psicologia ?



Prof^o Carlos Paes de Barros

PUC/RJ - Dept^o Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, julho de 1980



Vera Maria Ferrão Candau

Coordenadora dos programas de Pós-
Graduação do Centro de Teologia e
Ciências Humanas.